

IR. BASÍLIO RUEDA GUZMÁN  
HOMEM DE DEUS

**CADERNO 8:**

*A PALAVRA DE DEUS*

Irmão Basílio Rueda Guzmán  
Homem de Deus

**Caderno 8**

A Palavra de Deus

Tradução: Ir. Aristides Zanella  
Revisão: Ir. Salvador Durante

Irmão Giovanni Bigotto

**A PALAVRA DE DEUS E OS RITMOS  
DA VIDA NUM CRISTÃO<sup>1</sup>**

**Introdução**

Foi-me solicitado o desenvolvimento de dois temas:

- A Palavra de Deus objeto de escuta;
- A Palavra de Deus objeto de vida (viver a Palavra).

Meu encontro com esses dois temas, meu esforço para defini-los e, sobretudo, minha tentativa de separá-los e distingui-los, levou-me a uma conclusão: estava me empenhando num trabalho “realmente” impossível e artificial.

---

<sup>1</sup> Conferência proferida pelo Irmão Basílio aos Irmãos de Comboni, da Consolata e do Pontifício Instituto das Missões Exteriores. Cf. Carta escrita pelo Irmão Javier Terradillos, Conselheiro-Geral no tempo de Basílio, e detentor dessa conferência, que não tem data, mas cita a carta do Irmão Bernard Perrault, de 18 de fevereiro de 1977.

Em si mesmo e na prática, ou no exercício desses temas, quando um deles é verdadeiro, ele se projeta, se cruza e implica de tal modo o outro, que se apresenta praticamente em relação com ele, como as relações transcendentais na Filosofia e na Teologia.

Diante do mal-estar em situar-me nesses dois temas, dirigi-me a um Irmão e amigo, especialmente preparado nessas questões, e pedi-lhe a contribuição, sem esclarecer-lhe minha dificuldade... Recebi ajuda muito rica – pois a ele devo boa parte do que vou repassar-lhes. Descobri, com surpresa, que ele se defrontara com a mesma dificuldade, e encontrara a solução de me apresentar as duas unidades propostas fundidas num só tema.

Penso que teve razão em proceder assim e respeitou a realidade que ele quis descrever. Escutar e viver a Palavra de Deus são como “dois aspectos ou dois momentos psicomistéricos” de uma só realidade, que eu denominaria “a invasão subjetivada” da Palavra de Deus em nossas vidas, e de sua presença, graças a nós, no Mundo.

As fronteiras teóricas dos dois aspectos se conjugam na realidade; em toda a realidade. Confundem-se num fluxo e refluxo nunca precisos, nem em seus ritmos nem em seus limites.

Nessa alternância de ritmos joga muito, de uma parte, a liberdade humana cheia de caprichos, esperas e incoerências. Joga também, e em grande proporção, a ação muito livre do Espírito Santo na comunicação de seus dons e carismas.

Apesar dessa imprevisibilidade dos ritmos e da impossibilidade de definir os limites, escutar e viver a Palavra de Deus são como a diástole e a sístole da fé toda inteira diante da Palavra de Deus.

Duas conclusões para esta introdução:

1. Desenvolverei as duas palestras como uma só unidade, procurando, entretanto, sublinhar o aspecto da escuta na primeira, e o da vida na segunda.
2. Tratando o assunto dessa maneira, o objetivo de nosso encontro ganha bastante, que é, penso, um profundo apelo para acolher a Palavra de Deus, na sua totalidade e na sua intenção salvífica total. É esse o ponto crucial da questão: na realidade, a enorme diferença entre o verdadeiro santo e a maioria de nós, que chamamos crentes, é a plenitude, a integralidade, a totalidade dessa acolhida de Deus que se torna Palavra em nossa própria carne e em nossa própria vida. Em nós, na maioria das vezes, a Palavra é como uma semente em expectativa e ansiosa por germinar, mesmo se a amamos com emoção, a meditamos, rezamos e partilhamos. Nos santos, ela se apresenta como belíssima floração, mais ainda, como a Palavra de Deus que admiravelmente frutificou e se tornou messe esplêndida.

## A PALAVRA DE DEUS, PONTO DE PARTIDA E CORAÇÃO DESTE TEMA

### 1.1. O sentido da Palavra

No caso da Palavra de Deus temos uma situação única, que não se repete em nenhuma outra palavra. A Palavra é uma Pessoa. Poderíamos bem distinguir e falar da Palavra de Deus e das palavras da Palavra de Deus às quais temos acesso por meio de uma “inculturação” e “numa expressão determinada”.

A Palavra de Deus se nos apresenta com densidade de ser, com poder de vida, com força de santidade tais que é necessário parar um momento, para sublinhar alguns sentidos, os mais profundos, que podem interessar-nos:

*É uma Palavra eterna e divina.*

É o dizer de Deus sobre Deus, em que a totalidade da grandeza, do poder e da plenitude de Deus é expressa, perfeitamente dita, e nada fica sem expressão ou deficientemente expressado. É um dizer que para o próprio Deus é encantador, beatificante e que enamora.

A dimensão eterna e divina dessa Palavra nos é apresentada no início do Evangelho de João (1,1-6): “No começo a Palavra já existia: a Palavra estava voltada para Deus, e a Palavra era Deus...”.

Paulo, na carta aos Filipenses, 2,5-6, também nos fala dessa condição divina: “Tenham em vocês os mesmos sentimentos que houve em Jesus Cristo. Ele tinha a condição divina...”.

Mas é sobretudo numa passagem esplêndida que Paulo nos revela como nela reside TODA A PLENITUDE DA DIVINDADE: Cl 1,9-21.

*É uma Palavra de salvação.*

Como diz Santo Tomás, Deus não nos disse uma palavra qualquer, mas nos disse uma palavra de amor, uma palavra de salvação (cf. Cl 1,21-23).

*É uma Palavra gratuita.*

É puro dom, sem mérito algum de nossa parte e sem que dele sejamos dignos: “E o amor consiste no seguinte: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele que nos amou, e nos enviou o seu Filho como vítima expiatória por nossos pecados”. (1Jo 4,10)

O capítulo VIII da epístola aos Romanos descreve bem essa predestinação gratuita: “Aqueles que Deus antecipadamente conheceu, também os predestinou a serem conformes à imagem do seu Filho...”. (Rm 8, 29)

*É uma Palavra ôntica, uma verdadeira Pessoa:*

“Aquilo que existia desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos e o que nossas mãos apalparam: – falamos da Palavra, que é a Vida... nós o anunciamos a vocês”. (1Jo 1,1) Essa afirmação do apóstolo São João, colocada ao lado de outras, não menos impressionantes de seu Evangelho: “Ninguém jamais viu a Deus; quem nos revelou Deus foi o Filho único, que está junto ao Pai” (Jo 1,18), nos apresenta de maneira circular:

- a inacessibilidade total de Deus;
- a intimidade e conaturalidade entre Ele e o Verbo;

- a manifestação, de certo modo, da acessibilidade de Deus, graças à sua palavra. É novamente S. Paulo quem nos traça uma síntese genial dessa “onticidade”, enquanto Deus e enquanto homem, da Palavra de Deus feita carne, totalmente humanizada para nós (cf. Fl 2, 5-11).

*É uma Palavra escatológica,*

isto é, uma Palavra pronunciada com uma clara e eficaz intenção: “Da mesma forma como a chuva e a neve caem do céu...”. (Is 55,10-11)

A descrição apocalíptica do Filho de Deus, portando sobre seu hábito as características de sua função: “Fiel”, “Verídico”, “Palavra de Deus”, e ao mesmo tempo, trazendo inscrita sobre sua coxa a realeza e a dominação, dizem-nos que a Palavra de Deus deve impor-se pela força (no sentido positivo de impor-se, e de impor-se pela força que ela contém).

As comunidades primitivas, cativadas pela força dessa palavra, por sua santidade, sua verdade, por sua bondade e doçura, escutavam-na com alegria e organizavam-se a partir dela e por ela, obedecendo-lhe com fé. O ensino dos Apóstolos, a oração em comum, a distribuição dos bens, a comunhão e a fração do pão, tudo nascia da acolhida dessa Palavra; tudo se movia em sua atmosfera vivificante, e a Palavra se estendia sempre mais. “E a cada dia o Senhor acrescentava à comunidade outras pessoas que iam aceitando a salvação aumentava”. (At 2,41-47)

## **1.2. Os pré-conteúdos e os conteúdos dessa única e total Palavra de Deus**

A Palavra de Deus se fez carne e habitou entre nós... Ela levantou sua tenda e fez-se igual a nós em tudo, exceto no pecado. Semeou suas palavras como grãos de trigo, aos quatro ventos, e seus contemporâneos exclamaram: “Ninguém jamais falou como esse homem”. (Jo 7,46) “Feliz o ventre que te carregou, e os seios que te amamentaram”. (Lc 11,27)

O esplêndido conteúdo da palavra de Deus já oferecia magníficos clarões na revelação do Antigo Testamento. Páginas admiráveis que vivificam as comunidades crentes, há milhares de anos de distância; especialmente, as páginas límpidas dos profetas. É aí que encontramos o que podemos chamar de pré-conteúdos da Palavra de Deus.

É impossível esboçar, mesmo em suas grandes linhas, uma síntese dos pré-conteúdos e dos conteúdos da Palavra de Deus. Não é possível e também não está nos objetivos de nosso retiro. Seria trabalho para toda a vida, na contemplação e na oração. Maria passou anos a meditar algumas palavras do Filho, e Ela era cheia de graça e toda pura.

O importante é fixar bem e conservar essa referência mútua da Palavra de Deus, pessoa, e das palavras que Ele nos diz e nos são transmitidas. Ele se diz e se explicita nessas palavras, e estas se fundamentam, se verificam e se esclarecem no mistério incomensurável do Filho de Deus. Poderíamos, aqui, aplicar a bela idéia da Escritura: “*In lumine tuo, videbimus lumen*” e o gesto impressionante de Jesus:

“No último dia da festa, que é o mais solene, Jesus ficou de pé e gritou: ‘Se alguém tem sede, venha a mim, e aquele que acredita em mim, beba. É como diz a Escritura: ‘Do seu interior jorrarão rios de água viva’”. (Jo 7,37-38)

## **1.3. O meio divino em que a Palavra de Deus se torna clara e inteligível**

Com essa Palavra de Deus que nos foi dada, encontramos-nos numa dupla dialética:

ELE NOS DISSE TUDO E AINDA TEM MUITO A DIZER-NOS. AGORA SIM, NOS FALAS CLARAMENTE, E NÃO PRECISAMOS QUE NINGUÉM NO-LO EXPLIQUE, E O QUE VOS DIGO NÃO O PODEIS COMPREENDER...

O cristão viverá nessa dialética e nela a Igreja formará o que foi chamado de “consciência progressiva da Igreja” (cf. Jo 15,15 e 16,12-14).

A partir desse meio fundamental e privilegiado, existem outros meios particularmente bons e fecundos para aprofundar e compreender a Palavra de Deus.

Esses meios podem reduzir-se ou referir-se, de um modo ou de outro, à Igreja, o novo seio maternal onde o Espírito Santo continua a dar a vida, no corpo de cada cristão, a uma multidão inumerável e secular de filhos de Deus, para que Jesus seja o primogênito de muitos irmãos.

Maria, tipo e realização da Igreja, permanecerá sempre o modelo primeiro e que não pode ser ultrapassado, a nos mostrar com perfeição como se acolhe, encarna, vive, aprofunda, segue, até o fim, a Palavra de Deus e as palavras que Deus diz em nossa vida.

#### **1.4 – Sentido progressivo, intencional, efetivo e histórico da Palavra de Deus**

O Senhor comparou o Reino fundado pela Boa-Nova de sua Palavra e por ela anunciado com o grão de mostarda, o fermento, o grão semeado, ou seja, com uma série de metáforas de crescimento. Nisso quis ensinar-nos certos aspectos fundamentais da Palavra de Deus, na História, e tudo o que nasce verdadeiramente dela:

- o crescimento,
- a difusão,
- a comunicação, a circulação,
- a unidade e a unificação,
- a proclamação,
- a santidade,
- a plenitude.

Na medida em que a palavra recebida nos faz realmente crescer, pessoal e comunitariamente; na medida em que encontra em nós dinamismo e disponibilidade para a difusão, para a proclamação, para o testemunho; na medida em que a transmitimos e a recebemos com simplicidade, gratidão e humildade; na medida em que nos unifica, santifica, nos enche, a Palavra de Deus completa não somente sua *ortodoxia*, mas sobretudo e antes de tudo, sua *ortografa*.

Quando Paulo nos diz: «Não adulteremos a palavra de Deus», significa não somente a fidelidade conceitual da Palavra, mas especialmente que devemos preservar-lhe todas as forças em nós, toda a sua natureza, isto é, todos os dinamismos que assinalamos. Ninguém pode ouvir e transmitir a Palavra de Deus, de maneira adequada, senão respeitando-a, deixando-a ser em nós o que é na realidade: dom vivo e *vivificante*.

#### **1.5. As funções da Palavra de Deus em nós**

São inesgotáveis e apresentam muitas facetas. Vamos nos concentrar nas que parecem mais importantes:

O Senhor disse: «Sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai a não ser por mim». (Jo 14,6) Santo Agostinho, ao comentar de maneira magistral essa passagem, dirá:

«Aquele que estava e residia junto ao Pai como *Verdade* e como *Vida*, ao se encarnar fez-se nosso *Caminho*».

Portanto, a Palavra é caminho, verdade e vida.

Caminho que conduz ao Pai;

Verdade que nos arranca  
das trevas;

Vida que nos ressuscita,  
graças à vida profunda  
do mistério pascal».

Cada um desses aspectos poderia chegar a um desenvolvimento muito longo. Aqui nos contentamos do que é enunciado.

*Em sua função de luz*, a Palavra de Deus é apresentada como lâmpada para nossos passos e luz em nosso caminho (Sl 119, 105). Está presente, qual impressionante antinomia de luz e de trevas, em João (Prólogo e cap. 9). É apresentada como fogo: «Minha palavra não é como fogo? – oráculo de Javé – ou como um martelo que tritura a pedra?». (Jr 23, 29) Dela emana uma ação de purificação: «Vocês já estão limpos por cauda da palavra (doutrina) que eu lhes falei». (Jo 15, 3)

Dela vêm a ação de conversão e a ação de educação. O salmo 119 está repleto, nesse sentido, da sabedoria obtida a partir da lei e da Palavra de Deus.

O texto mais fundamental e mais impressionante, referente a essa dimensão de luz, encontra-se nos textos de João 8, 12, em que o Senhor diz: «Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andarás nas trevas, mas possuirá a luz da vida».

*Em sua função misteriosa*, essa Palavra de Deus revela o mistério escondido desde o começo em Deus. Deus é amor, Deus é luz, nele não há trevas. Há um laço indissolúvel entre o amor e a luz. A primeira epístola de São João está permeada por essas idéias e por essa conexão intrínseca.

Contudo é São Paulo que, de modo muito mais conciso, nos falará desta dimensão reveladora de um mistério inefável e insondável da Palavra de Deus: «Por isso, eu, Paulo, prisioneiro de Cristo em favor de vocês, os pagãos... A mim, o menor de todos os cristãos, foi dada a graça de anunciar aos pagãos a incalculável riqueza de Cristo...». (Ef 3,1-19) (Toda essa passagem é citada.)

*Função de julgamento*: A Escritura nos apresenta o Cristo como a vingança de Deus: «Quando minha cólera explodiu, disse-lhes: eu lhes envio minha Palavra».

Sim, mas por um lado, essa vingança será como a vingança de Deus: Uma ruptura aparente para uma maravilhosa reconciliação.

Por outro lado, essa Palavra trará a salvação e não será apenas palavra de consolação.

Haverá sempre um dilema: «Quem não está comigo, está contra mim». (Mt 12, 30) Foi o caso para Maria. Ao segurar o menino nos braços, foi-lhe revelada esta dimensão antagônica e de julgamento da Palavra de Deus: «Eis que este menino vai ser causa de queda e elevação de muitos em Israel. Ele será um sinal de contradição... Assim serão revelados os pensamentos de muitos corações». (Lc 2, 34-35) Essa profecia de Simeão a respeito do menino vai realizar-se de maneira impressionante com as palavras de Jesus quando afirmava: «Eu vim a este mundo para um julgamento, a fim de que os que não vêem vejam, e os que vêem se tornem cegos...». (Jo 9, 39-41)

A epístola aos Hebreus nos mostra com que intensidade a Palavra de Deus penetra até o íntimo do ser humano e cumpre sua função de julgamento e de transformação: «A palavra de Deus é viva, eficaz e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes; ela penetra até o ponto onde a alma e o espírito se encontram, e até onde as juntas e medulas se tocam...». (Hb 4, 12-13)

É sobretudo em São João que essa dimensão e função da Palavra de Deus aparece com toda sua força:

Ela julga e convence  
de pecado.  
Ela convence de pecado  
e chama à conversão,  
ela converte, justifica  
e transforma,  
ela transforma e salva.

Disso provém a devoção ao julgamento de Deus: Não devemos fugir dele, porque somente nele, na sua verdade, encontra-se nossa esperança de salvação quando ela nos condena, nos purifica, nos converte, nos muda.

Ó julgamento de Deus, julga-me para que eu seja salvo!

A maravilhosa afirmação de Jesus a Nicodemos apóia profundamente essa esperança e essa oração: «Pois Deus amou de tal forma o mundo, que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele acredita não morra, mas tenha a vida eterna. De fato, Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para condenar o mundo, e sim para que o mundo seja salvo por meio dele». (Jo 3, 16-17)

A passagem de São Paulo, no capítulo 8 da epístola aos Romanos, não é menos reconfortante e fundamental: «Na esperança, nós já fomos salvos!... É na perseverança que o aguardamos o que não vemos». (Rm 8, 24-25)

Aguardamos com paciência porque nem Deus nem Jesus não nos condenarão (Basílio cita aqui Rm 8, 31-34).

O julgamento de Deus, portanto, não é para a perdição, é apenas para quem não quiser aceitar sua função salvífica, sua função redentora: quem se fecha à fé em Jesus, quem recusa sua misericórdia, quem recusa seu amor salvador. Esse desejo profundo, esse anseio total de salvação é o que há de mais característico e é a finalidade mais profunda do julgamento de Jesus, do julgamento da Palavra de Jesus. Com efeito, a Palavra de Deus salva porque vivifica. E vivifica com uma vida que é vida eterna: «Eu vim – disse o Senhor – para que tenham vida, e a tenham em abundância». (Jo 10,10). «As palavras que eu disse a vocês são espírito e vida». (Jo 6, 63) «Vocês nasceram de novo... por meio da palavra de Deus». (1Pd 1,23) É a grande intuição que Pedro teve quando, depois do abandono quase maciço dos discípulos, em seguida ao discurso do Pão de vida, responde à interpelação de Cristo: «A quem iremos, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna». (Jo 6, 68)

*Uma função normativa:* A Palavra de Deus tem, enfim, além de sua função de luz, sua função misteriosa, sua função de julgamento, uma função normativa. Não se trata de norma fundamentalmente ética e social, é norma de outra natureza, norma intrínseca, axiológica, profunda.

Para esse fim, a Palavra de Deus torna-se para nós critério, norma e medida. Nossa lei será Jesus Cristo. Jesus e sua Palavra: «Quem aceita os meus mandamentos e a eles obedece, esse é que me ama». (Jo 14, 21) «Se alguém me ama, guarda a minha palavra, e meu Pai o amará. Eu e meu Pai viremos e faremos nele a nossa morada». (Jo 14, 23) Poder-se-iam

multiplicar citações. No fundo, trata-se do anúncio feito pelo profeta Jeremias, a respeito de uma ordem nova e de uma lei escrita no coração; graças a ela, educados por Deus e guiados pelo mesmo Espírito, os filhos engendrados por essa nova criação serão capazes de uma moral, de uma axiologia, de uma maneira de estimar as coisas, de uma conduta admirável, à imagem de Jesus Cristo.

### **1.6. Nossa responsabilidade integral perante a Palavra de Deus**

A Palavra, tal como nos foi dada, tal como acabamos de contemplá-la e admirá-la no primeiro ponto, é dom maravilhoso de Deus, que é necessário contemplar comovidos:

com gratidão  
perante sua gratuidade,  
com admiração,  
diante de seu esplendor,  
com reverência  
perante sua santidade,  
com alegria  
diante de sua doçura  
e riqueza insondáveis.

Mas como para todos os dons de Deus, é algo que não devemos conservar avaramente, mesmo se for totalmente em meio a mil seguranças, mas para que isso cresça e seja comunicado.

As metáforas e as parábolas do Senhor a respeito da palavra são de uma clareza que interpela com força nossa responsabilidade.

“O semeador saiu para semear a sua semente. Enquanto semeava, uma parte caiu à beira do caminho...”. (Lc 8, 5-11. Basílio cita todo o texto)

Sem esquecer a gratidão e a esperança, essa parábola deveria levar-nos a perguntar: «Eu, concretamente, em meus 30, 40, 50... anos de vida cristã, que tipo de terreno tenho sido para o Cristo?».

A parábola das minas, a dos talentos, a das virgens, conservam toda a sua força de interpelação.

É necessário especialmente chamar a atenção sobre o caso do talento que foi conservado com cuidado, porque se sabe que o dono é exigente. Foi-lho restituído intacto, e isso acarretou reprovação e retirada do talento.

Contudo devemos estar atentos para que esse sentido de responsabilidade nunca abafe o clima de gratidão e de esperança teologal, sem o qual faltam as condições para que a Palavra de Deus frutifique em nossas vidas. Devemos recordar que, em última instância:

A salvação vem  
gratuitamente de Deus,  
nossa resposta só se dá  
com a graça de Deus,  
há o semeador  
que cuida da Palavra,  
e essa semente  
traz em si uma  
«dinâmica objetivada»:

«O Reino de Deus é como um homem que espalha a semente na terra. Depois ele dorme e acorda, noite e dia, e a semente vai brotando e crescendo, mas o homem não sabe como isso acontece. A terra produz fruto por si mesma: primeiro aparecem as folhas, depois a



espiga e, por fim, os grãos encham a espiga». (Mc 4, 26-28) E os frutos levam o estilo dos dons do Espírito Santo.

O ponto de partida para que a Palavra de Deus penetre em nós e se desenvolva é a conversão fundamental, isto é, volver o rosto, volver o coração, volver a atenção para a Palavra de Deus.

### **1.7. Os meios para captar a Palavra de Deus, e nossos deveres éticos a seu respeito**

A experiência e a Palavra do Senhor nos dizem que há em nós *conaturalidades subjacentes*, que são como sentidos espirituais, órgãos de captação da Palavra do Senhor.

Elas existem em nós, em parte, como natureza e, em parte, como dom, numa simbiose vantajosa; elas nos fazem sentir que temos acesso à Palavra de Deus, ao mesmo tempo em nossa carne, devido à nossa humanidade, e como dom maravilhoso. Elas são subjacentes, portanto, mas se acordam em nós perante seu objeto (a Palavra de Deus) e entram em atividade plena de esperança, de amor e de desejos.

O Senhor nos fala desses meios de captação pelos quais, e a partir dos quais, a palavra (sua palavra) se torna acessível, luminosa, amada, mesmo quando deve condenar. A Escritura menciona, em particular, o ouvido, o olho e o coração como meios especiais para captar: “Fazer vossa vontade, meu Deus, é o que me agrada, porque vossa lei está no íntimo do meu coração”. (Sl 39[40], 9)

«Meu filho, ouve as minhas palavras, inclina teu ouvido aos meus discursos...». (Pr 4, 21)  
«Quem tiver ouvidos para ouvir, ouça». (Lc 8, 18, Mc 13, 9, Mt 11, 15, cf. também Is 50, 4-5, Mt 13,16)

Mas, a própria Escritura, que nos dá a conhecer esses fatos de captação da Palavra de Deus mediante os ouvidos, os olhos e o coração, nos mostra como esses meios podem ser incapazes de receber (e podem existir nas pessoas religiosas) a própria Palavra de Deus. Portanto, os sentidos naturais não bastam para obter resultado.

«O Senhor ainda não nos tinha dado um coração para conhecê-lo, olhos para vê-lo, ouvidos para escutá-lo». (Dt 29, 3; Jo 12, 16-17)

O Senhor, porém, lhes dá um comprimento de onda capaz de captar e de compreender verdadeiramente e, por conseguinte, de crer: Encontramos, provavelmente, em Ezequiel a passagem mais densa e mais notável, a propósito dessa dimensão de dom e de sistema de captação que vem de Deus: «Darei para vocês um coração novo, e colocarei um espírito novo dentro de vocês. Tirarei de vocês o coração de pedra e lhes darei um coração de carne. Colocarei dentro de vocês o meu espírito, para fazer com que vivam de acordo com os meus estatutos e observem e coloquem em prática as minhas normas». (Ez 36, 22-27)

Aqui ainda apresenta-se esta outra insondável conjunção de dom e de poder natural, de gratuidade e de responsabilidade entre a capacidade e a não-capacidade de ver, de entender, de sentir e de compreender a mensagem de Deus. Na Escritura há um mistério profundo e trágico:

De um lado,  
abertura sobre Deus,  
do outro,  
o homem que,  
por sua falta, anula  
a capacidade dos sentidos  
perante a Palavra de Deus.

Os textos da Escritura são muito explícitos, a respeito do primeiro ponto (Dt 2,30 e Jo 9, 39). E sobre esse mesmo ponto nos tornam respeitosos perante um mistério que nos

ultrapassa. Não podemos, e não nos compete julgar, nem Deus nem o nosso próximo: “E acrescentou: ‘É por isso que eu disse: Ninguém pode vir a mim, se isso não lhe é concedido pelo Pai’”. (Jo 6, 65)

Não menos explícitos são os textos da Escritura sobre o segundo ponto. O que convém assinalar, perante esse mistério e essa responsabilidade, é um sentimento profundo de gratidão e de responsabilidade de nossa parte, nós que recebemos o dom da fé e da compreensão daquilo que acreditamos e acolhemos.

«Por que lhes falas em parábolas?», perguntaram os discípulos a Jesus. Ele lhes respondeu: «Porque a vocês foi dado conhecer os mistérios do Reino do Céu, mas a eles não.... É por isso que eu uso parábolas para falar com eles: assim eles olham e não vêem, ouvem e não escutam nem compreendem». (Mt 13, 10-13) Ver também vv.16-17: «Vocês, porém, são felizes, porque seus olhos vêem e seus ouvidos ouvem».

Essa responsabilidade inerente e complementar dessa bem-aventurança concretiza-se numa série de deveres éticos de nossos sentidos espirituais, porque devemos conservá-los em bom estado e numa aptidão crescente de captar e compreender para que não nos aconteça o que o autor da carta aos Hebreus escrevia: «Temos muito a dizer sobre este assunto, mas é difícil explicar, porque vocês se tornaram lentos para compreender. Depois de tanto tempo, vocês já deviam ser mestres; no entanto, ainda estão precisando de alguém que lhes ensine as coisas mais elementares das palavras de Deus». (Hb 5, 11-12)

Com efeito, a Palavra de Deus não é apenas dicção, mas também uma série de acontecimentos, uma transmissão e, sobretudo, um mistério que não se percebe e não se compreende senão com escuta atenta e, mais ainda, esfomeada – como uma sentinela; e por um olho que foi treinado pela fé e a pureza, e um coração aberto, convertido, novo.

A Escritura volta uma que outra vez sobre a importância das condições e das disposições desses três grandes meios de contato com o Senhor. Sua capacidade depende de uma simbiose misteriosa entre a ação de Deus sobre eles e nossa própria ação sobre esses mesmos meios.

No primeiro aspecto dessa simbiose ou dessa sinergia, existem deveres de nossa parte. Deveres indiretos, mas reais. Com efeito, se é certo que há grande gratuidade da parte de Deus, e que o Espírito Santo concede a cada um como lhe agrada, e que cada um tem não apenas seu dom, mas a medida desse dom, não é menos certo que o Senhor quis que pelo desejo, a pobreza espiritual, a esperança e a oração, o discípulo faça violência à magnífica e salvífica benevolência de Deus. «Bem-aventurados os que têm fome e sede... serão saciados». (Mt 5,6)

«Dou-te graças, Pai, porque revelaste essas coisas aos pobres e aos pequenos...». «Peçam e lhes será dado! Procurem, e encontrarão! Batam, e abrirão a porta para vocês!». (Mt 7,7)

No segundo aspecto, nossa ação é mais direta e mais necessária. É aí que residem nossos deveres éticos. Eles podem se resumir em:

- Ter o olho puro. «A lâmpada do corpo é o olho. Se o olho é sadio, o corpo inteiro fica iluminado...». (Mt 6, 22) «Nunca pequei contra a luz» (P. Faber). São João da Cruz dizia isso muito bem: «Lavar as vidraças da alma para que, se Deus quiser, sua luz brilhe dentro de nós».

- Ter o ouvido aberto e ativo: «Tomem muito cuidado! Ficai atentos a estas minhas palavras» (Mc 4, 24). «Quem tem ouvidos, ouça!». (Mt 13,9) Esse conselho é repetido com insistência pelos sinóticos.

- Conservar o coração puro, sensível e orientá-lo ativamente para Deus. É sobretudo o coração que nas Escrituras é indicado como lugar por excelência onde Deus fala: «Tu encontrarás Deus, se o procurares com todo o coração e com toda a alma» (Dt 4, 29). «Que Deus ilumine os olhos do coração de vocês». (Ef 1, 17). «O justo brilha na treva como luz para corações retos» (Sl 112 [111], 4).
- E o mais importante dos deveres éticos, dos deveres do coração, é AMAR O BEM, AMAR A LUZ, TENTAR PRATICAR O QUE A PALAVRA DO SENHOR DIZ: Sobre esse ponto, os grandes discursos de Jesus, no evangelho de João, encerram verdadeiro tesouro de ensinamentos.

## INTERIORIZAR A PALAVRA DE DEUS

### 2.1. Dados Objetivos

Todo processo de interiorização da Palavra de Deus em atitudes profundas de fé, esperança e veneração profunda a respeito dessa Palavra, exige como base uma série de dados objetivos, que sirvam de fundamentos desse processo e sejam capazes de dinamizar níveis heróicos de densidade e de generosidade. Sem essa base operativa, encontramos-nos perante fatos de auto-sugestão ou de fanatismo (cf. G.H. Rodríguez).

Em grande parte, esses fundamentos foram apresentados nas páginas precedentes. Contudo é indispensável apresentar aqui nem que seja uma parte reduzida desses fundamentos.

Resumiremos tudo nos pontos seguintes:

- *O próprio Deus nos falou...* Ele nos dirigiu a Palavra para nos dizer algo que é importante para ele e, sobretudo, para nós: «Muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos nossos pais pelos profetas; ultimamente nos falou por seu Filho...». (Hb 1,1)
- *Jesus é a voz e a Palavra de Deus.* «Dei-lhes a tua Palavra». «Tua palavra é a verdade» (Jo 17, 14 e 17). «As palavras que digo a vocês, não as digo por mim mesmo». (Jo 14, 10. Cf. também João 3, 34 e 8,28 e 12,50)
- *Jesus mesmo é a luz e a Palavra em si mesmo e para o mundo.* «Este é o meu Filho bem-amado. Escutem o que ele diz!». (Mc 9,7) «No começo a Palavra já existia: a Palavra estava voltada para Deus, e a palavra era Deus». (Jo 1,1) «Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens». (Jo 1,4) «Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andarás nas trevas, mas possuirá a luz da vida». (Jo 8, 12)
- *Ele é Palavra e Luz especialmente para nós.* «Vocês o está vendo; é aquele que está falando com você» (Jo 9, 37). «Foi a nós que esta palavra de salvação foi enviada». (At 13, 26) «Lembrem-se de como ele falou a vocês» (Lc 24, 6). Nesse caso, há um imperativo que se deduz: prestar ouvido à sua voz: «Escutem a minha voz e eu serei o seu Deus». (Jr 7, 23)
- *Essa Palavra é fonte de Vida, de Edificação e de Dignidade, de Felicidade.*  
*Vida:* «Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus» (Mt 4, 4) e (Dt 8, 3)  
«Vocês nasceram de novo, não de uma semente mortal, mas imortal, por meio da Palavra de Deus, que é viva e que permanece». (1Pd 1, 23-25) «Eu garanto a vocês: quem ouve a minha palavra e acredita naquele que me enviou, possui a vida eterna. Não será condenado, porque já passou da morte para a vida». (Jo 5, 24)

*Dignidade:* Jesus dizia: «A Lei chama de deuses as pessoas para as quais a palavra de Deus foi dirigida». (Jo 10,35)

*Felicidade:* «Não estava o nosso coração ardendo quando ele nos falava pelo caminho, e nos explicava as Escrituras?». (Lc 24, 32) «Vocês são felizes, porque seus olhos vêem e seus ouvidos ouvem». (Mt 13,16)

*Edificação:* O texto extraordinário de Pedro sobre a pedra angular, a fé nela e a edificação resultante: «Eles tropeçam porque não acreditam na Palavra... Vocês, porém, são raça eleita, sacerdócio régio, nação santa, povo adquirido por Deus, para proclamar as obras maravilhosas daquele que chamou vocês das trevas para a sua luz maravilhosa. Vocês que antes não eram povo, agora são povo de Deus». (1Pd 2, 1-10)

*Recriação e Ressurreição:* A Palavra é fonte de recriação e de ressurreição. «Esta é a vontade do Pai: que todo homem que vê o Filho e nele acredita, tenha a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia». (Jo 6, 40) “A quem iremos, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna. Agora nós acreditamos e sabemos que tu és o Santo de Deus”. (Jo 6, 67-69) É o impressionante texto de Ezequiel sobre a Palavra, o Espírito e o grande vale repleto de ossos ressecados (Ez 37, 1-14).

*É uma Palavra que nos julgará.* «Eu não condeno quem ouve as minhas palavras e não obedece a elas, porque eu não vim para condenar o mundo, mas para salvar o mundo. Quem me rejeita e não aceita minhas palavras, já tem o seu juiz: a palavra que falei será o seu juiz no último dia». (Jo 12, 47 e 48)

## **2.2 Visão sintética do processo integral**

O processo teórico e logicamente normal, o que se pode esperar com maior frequência na realidade, é o descrito por São Paulo no capítulo 10 da carta aos Romanos: pregação, fé, invocação, salvação (Rm 10, 13-15). «Pois se você confessa com a sua boca que Jesus é o Senhor, e acredita com seu coração que Deus o ressuscitou dos mortos, você será salvo» (Rm 10, 9). *O único comportamento perante a Palavra: a obediência.*

Perante a plenitude e a exultante epifania da Palavra de Deus ao homem, nessa palavra de amor e de salvação que é seu Filho (cf. Hb 1, 1-3), ou perante as fagulhas dessa palavra divina, segundo os dons de Deus e segundo a graça que foi dada a cada um, a cada momento da sua vida, apenas há uma atitude honesta possível: a *obediência da fé* (em proporção da manifestação do Senhor). Obediência, no sentido etimológico do termo: Ob-audire.

É desse comportamento de base que nasce um processo de vida que tem uma intencionalidade sem fim: «brota em vida eterna». Tudo está contido nessa atitude fundamental, de modo que o que vem depois é apenas o desdobramento lógico da fé. É esse processo psico-mistérico que Santo Agostinho denominou a circularidade do espírito, em nosso caso, reativado e ultrapassado, sem estar alienado de sua dimensão antropológica, pela ação do alto que se encontra e age em nós. É a isso que faremos referência, a partir de agora, dividindo-o em duas partes «logicamente complementares»: *a acolhida e a resposta, a fé e a vida, a escuta e a resposta.*

As palavras, já dissemos, traem; na acolhida, há a primeira resposta e, ao responder, acolhemos. Ao criar, vivemos, e a vida é uma vida de fé. Escutar com atenção é abri-se à voz do Senhor, e já é uma resposta; e a resposta é um eco natural da audição.

Mas, para maior clareza, nos referimos a esses dois momentos do processo da Palavra de Deus, reconhecendo uma parte lógica e normalmente primeira: o processo da recepção ou processo da interiorização da Palavra de Deus em nós. Esta responderá à primeira série de operações que estudaremos e que são mais ou menos normais no desenvolvimento de um processo sério e profundo da fé. Depois virá uma segunda parte, consequência lógica da primeira, senão a primeira é falsa e infiel: a exteriorização, a atualização ou a realização da

Palavra de Deus por nós e a partir de nós. Na primeira parte, a palavra que nos vem de Deus nos penetra até o mais profundo de nosso ser; na segunda parte, ela surge como fruto de vida que germina em terra boa e que, de nós, se comunica aos demais como pregação ou se apresenta encarnada em nossa vida como testemunho.

O primeiro processo, conforme o grau de profundidade que atinge, percorre os fenômenos seguintes: escuta, acolhida, meditação, inscrição no interior, aceitação prática, habitação, realização. Esta última, em rigor, pertence à segunda parte do processo ou do segundo processo.

Mas, mesmo aqui é muito artificial dizer que é pela realização que começa o segundo processo. A acolhida da Palavra de Deus começa ter resposta e frutos em nosso interior graças às operações interiores que nos transformam o coração.

Cria-se óptica nova.

Nascem em nós devoção e gosto pela Palavra de Deus.

Esta torna-se o lugar «onde se encontra nosso coração».

lugar de luz,  
lugar de paz,  
lugar de força,  
lugar de amor.

É na Palavra que se vive, é nela que se procura, nela se encontra a luz para compreender os acontecimentos interiores e exteriores e a realidade total.

Por outra parte, criam-se em nós as urgências da palavra que interpelam nosso coração, nossas relações, nossa ação, nossa organização, nossa inserção.

Se formos fiéis, as obras seguirão, os comportamentos seguirão e seguirão também os compromissos normais duma vida de fé. Se não formos fiéis, «a palavra oprimida, contrariada» produzirá em nós salutar mal-estar, profundo sentimento de infidelidade, apelo insistente à lógica da fé nas obras. Em definitivo, um reajustamento do processo será necessário. A intensidade desse doloroso estado estará na mesma proporção da infidelidade, por um lado, e da delicadeza de nossa sensibilidade espiritual, por outro lado, do julgamento implícito que a Palavra de Deus já está produzindo em nossa consciência.

Quando, apesar de tudo, o reajustamento não sobrevém, essa sensibilidade, esse mal-estar diminuirá, embora haja irresponsabilidades reais e reiteradas, é sinal claro de degenerescência da fé, que é necessário tomar muito a sério.

A Escritura nos fala desses processos regressivos da fé e da palavra de Deus em nós.

No caso contrário, quando o processo se desdobra na linha da fidelidade, ele produzirá os frutos e a exteriorização da palavra de Deus mediante a pregação, por modesta que seja sua forma, como simplesmente de uma conversação, além do *testemunho* e da *comunhão*.

É bom, contudo, parar um pouco para indicar o aspecto vital, livre e imprevisível desses elementos. Não se trata de algo mecânico, mas de alguma coisa em que entram em jogo a liberdade e mesmo o capricho, de nosso lado, e, do outro, o imprevisível de um Deus sempre original. As duas etapas e seus elementos são lógica e normalmente sucessivos, mas *não necessária, global e infalivelmente sucessivos*.

É importante lembrar que os dois processos ou partes:

- o da audição (interiorização),
- o da vida (exteriorização e os frutos),

são ritmos indispensáveis da vida nova criada em nós pela palavra viva e vivificante.

Acolher a palavra de Deus e responder à palavra, ouvir e viver, são dois momentos que, de maneira inadequada, se distinguem na vida do cristão e na vida do Cristo: «Vivo pela fé no

Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim». (Gl 2, 20) «Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim». (Gl 2, 20). «Permaneço em mim....».

Numa vida é necessário procurar o que um autor denominava: «a honestidade em relação a Deus». Isso quer dizer que o cristão não pode passar a vida na superabundância das palavras de Deus recebidas, dialogadas, rezadas, pregadas, com resultado mínimo de frutos e de obras.

A Escritura é muito explícita e muito séria a esse respeito. E, se quisermos levar as coisas ao extremo, com o risco que isso implica, parece que entre os dois extremos haja: a possibilidade de uma fé sem obras, e a de obras sem fé (entendamo-nos: sem fé exteriorizada).

A palavra de Deus nos ensina que, na última hipótese, pode haver salvação, mas não na primeira.<sup>2</sup>

Além desse processo, entre os diversos tipos de atos que foram descritos, e que serão analisados a seguir mais demoradamente, há outro muito mais importante, de certa maneira: o processo de crescimento e de qualificação. São Paulo o pedia constantemente para os filhos de sua pregação, para as comunidades fundadas por ele.

Com efeito, *pode existir aí crescimento na fé*. Isso quer dizer que se acredita mais. A afeição à Palavra de Deus, a adesão à sua santa vontade contida e descoberta na palavra tornam-se mais densas, mais verdadeiras, mais conaturais.

*Pode haver crescimento em iluminação*. A luz que nos chega é muito mais clara, mais convincente, ilumina mais nosso mundo interior e exterior. A luz torna-se mais luminosa e a pessoa de Cristo mais irradiante, mais íntima e mais familiar.

*Há crescimento nos conteúdos*. Conhecemos muitas coisas, vemos muitas coisas, compreendemos muitas coisas na Palavra e na Mensagem do Senhor. E isso acontece também para o Cosmos e para a História em que as coisas, pessoas e fatos são vistos com dimensões novas e inimagináveis, sem que estejam para tanto alienadas em sua verdade natural.

Enfim, pouco a pouco, à medida que se amadurece no Cristo, a palavra de Deus invade tudo e tudo se torna veículo do discurso de Deus. Tudo fala de Deus e tudo se torna veículo de sua palavra. É o caso dos místicos, como São Francisco de Assis, São João da Cruz, Teilhard de Chardin...

Esse processo de crescimento, enfim, pode-se fazer, e muito frequentemente se faz, não de maneira linear em seu crescimento, mas com crises, bloqueios, vicissitudes. A Escritura é muito rica a esse respeito, e seria um tema apaixonante e muito bonito de se tratar. A história de Israel, coletivamente, a história de personagens bíblicas importantes, a própria história da Igreja e nossa história encarnam esses dramas dos ritmos da fidelidade e da infidelidade, do crescimento ou dos recuos na palavra do Senhor.

### **2.3. Explicação particular**

#### **da primeira parte:**

#### **interiorizar a Palavra de Deus**

Fundamentalmente trata-se de deixar que algo que não é nosso venha a nós, entre em nós, nos invada progressiva e totalmente, nos transforme e nos assimile a um grau tal que

---

<sup>2</sup> Tocamos aqui um ponto extremamente delicado e difícil, que exige nuances que não cabem no espaço desta palestra. O que queremos dizer deve ser compreendido à luz da passagem do Evangelho que nos fala do juízo final (Mt 25, 31-46). Aqui uns e outros se mostram surpresos ao descobrir uma dimensão da fé que ignoravam quando faziam ou deixavam de fazer boas obras junto ao próximo. A ignorância nada suprime às conseqüências de salvação ou de perdição que o Senhor lhes atribui.

chegue a tornar-se, não apenas nova vida, mas a vida única e, se necessário, a vida para a qual estamos dispostos a perder nossa primeira vida.

Trata-se de uma escuta da palavra de Deus capaz:

- de nos criar,
- de nos libertar
- de nos construir,
- de nos salvar.

É a única maneira bíblica de escutar a palavra de Deus. Devemos opô-la a todas as demais maneiras inúteis e prejudiciais de escutar a palavra de Deus e de que a própria Escritura nos fornece exemplos cheios de lições.

Os atenienses ouviram de Paulo a palavra de Deus, e isso não lhes serviu para nada. Sua superficialidade é descrita por Lucas, quando nos diz, nos Atos dos Apóstolos, que «todos os atenienses e os estrangeiros residentes passavam o tempo a contar ou a ouvir as últimas novidades». (At 17,21) Pilatos também, de maneira banal, perguntou a Jesus: «O que é a verdade?», depois da impressionante afirmação de Jesus: «Tu o dizes, sou rei, nasci para isso e vim ao mundo para isso, para dar testemunho da verdade. Quem é da verdade escuta minha voz». (Jo 18, 37-38). E Herodes também gostava de ouvir o Batista (cf. Mc 6,20).

### *2.3.1. – O ponto de partida*

O ponto de partida é criar em nós atitude humana apta, para que o dom da palavra nos seja verdadeiramente comunicado

Esse comportamento ideal pode resumir-se assim:

- 1 – desejo permanente,
- 2 – humildade e respeito,
- 3 – fé.

*Devemos desejar:*

“Desejem ouvir as minhas palavras”, diz-nos o Senhor (Sb 6, 11).

«Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados». (Mt 5, 6)

O Senhor nos diz que muitos profetas e justos desejaram ouvi-lo, e não puderam ouvi-lo (Mt 13, 17). Simeão e Ana representam bem, a nossos olhos, essa espera satisfeita em parte. Os Atos dos Apóstolos mostram-nos exemplos preciosos de desejo e disponibilidade a respeito da palavra de Deus. Baste-nos recordar aqui o caso do centurião Cornélio (At 10, 33).

Isso não é apenas o caminho para a palavra, mas o sinal de já ter tido contatos com a palavra. Agostinho comentava justamente: «Vocês não me procurariam, se já não me tivessem encontrado».

*Humildade e respeito*

Por um lado, devemos reconhecer perante ela nossos limites humanos e de pecadores. «Eis-me aqui». Ele lhe disse: “Não se aproxime. Tire as sandálias dos pés, porque o lugar onde você está pisando é um lugar sagrado”. (Ex 3, 5) Pedro terá a mesma sensação: «Senhor, afastai-vos de mim, porque sou um pecador!». (Lc 5,8) A cananéia, em seu gesto admirável que une fé e humildade, situa-se de modo impressionante perante a resposta brusca de Jesus a seu pedido: «Sim, Senhor, é verdade; mas também os cachorrinhos comem as migalhas que caem da mesa de seus donos». (Mt 15,27)

### *Reverência e respeito*

Porque nos aproximamos da Palavra do Deus vivo, do Deus santo. No sentido mais próprio e estrito do termo, a palavra de Deus é Jesus, e Jesus é santo, é a santidade e será nosso santificador. Mas os próprios demônios proclamam essa santidade de Jesus: «Na sinagoga havia um homem possuído pelo espírito de um demônio mau, que gritava em alta voz: ‘Vieste para nos destruir? Eu sei quem tu és: tu és o santo de Deus’». (Lc 4, 33-34)

«Agora nós acreditamos e sabemos que és o santo de Deus» (Jo 6, 69)

«Àquele que o Pai santificou e enviou ao mundo vocês acusam de blasfêmia». (Jo 10, 36)

Paulo sintetiza muito bem essa densidade de Jesus Cristo quando, no começo de sua carta aos discípulos de Corinto escreve: «Ora, é por iniciativa de Deus que vocês existem em Jesus Cristo, que se tornou para nós *sabedoria que vem de Deus, justiça, santificação e redenção*». (1Cor 1, 30)

Mas não somente a palavra de Deus é santa, mas é a «palavra de Deus». É com razão que sua transcrição literária é denominada «Sagrada Escritura, Santa Escritura». Com efeito, a Escritura nos fala de quatro realidades que, em parte, coincidem; são elas: a lei, a sabedoria, a verdade e a palavra de Deus. Não se pode facilmente fazer distinção adequada e precisa entre elas, e com razão pode-se aplicar muito do que se diz de uma à outra.

Concretamente podemos dizer que a Escritura nos apresenta a palavra de Deus como *acrisolada* (Sl 17[18], 31), como *justa* (Sl 33[32],4), como *comprovada* (Pr 30,5; Ap 21, 5 e 22,6), como também *eterna e imutável* (Is 40,8). As afirmações do Cristo, em duas belas metáforas, ressaltam fortemente este fundamento comovente da esperança cristã que se concluirá com o «Tenham coragem; eu venci o mundo» (Jo 16, 33), e o «Eis que eu estarei com vocês todos os dias até o fim do mundo». (Mt 28,20)

O processo de santificação de Jesus e de nós, seus discípulos, deve se fazer em torno da verdade: «Santifica-os na verdade; a tua palavra é verdade... E, por eles, a mim mesmo me consagro (ou me santifico), a fim de que também eles sejam consagrados (ou santificados) com a verdade». (Jo 17, 17-19)

Todo esse conjunto deixa-nos ver que estamos perante alguma coisa santa, perante algo que exige que tratemos essa palavra com métodos modernos, sim, mas ao mesmo tempo com grande reverência, sabendo que o Senhor vem (sem excluir intermediários e meios culturais de expressão), que ela é animada por seu Santo Espírito e que ela contém e prepara valores capitais com que não se pode brincar sem conseqüências muito dolorosas para as pessoas, para as comunidades, para as instituições e para o próprio mundo.

Aproximar-se dela com reverência, com sentimentos da santidade, é o caminho real para receber dela torrentes de luzes, de graça e de vida. Apresentar-se a ela com espírito superficial, ou com orgulho, etc., é torná-la inútil desde o começo de nosso encontro. Não podemos nunca insistir bastante sobre isso, sobretudo para quem, como nós, nos tornamos «profissionais da religião», e para os que se tornam «sábios e técnicos da Ciência da Palavra de Deus». Com sentimento profundo de crentes sinceros, em contato profundo com a Palavra venerada, amada, respeitada, podemos achar muito a apreender na Escola da Fé (Padres Loew e Voillaume), Bonhoffer, Guadini, Congar.

Antes de serem sábios e teólogos foram discípulos crentes.

E isso nos conduz exatamente à última condição: *a fé*.

A fé nasce certamente da palavra, mas ela é uma atitude indispensável para que a palavra se torne viva, eloqüente e forte em nós. É por isso que a oração do pai do menino possesso, interpelando Jesus: «Se podes fazer...», «Tudo é possível para quem tem fé», será sempre um lugar-comum, um recurso habitual para nós: «Eu tenho fé, mas ajuda a minha falta de fé» (Mc 9, 23-24).



O centurião também, de maneira mais plena e mais altruísta, procura a palavra do Senhor a partir da fé, e Jesus, cheio de admiração, exclamará: «Eu garanto a vocês: nunca encontrei uma fé igual a essa em ninguém de Israel! Eu digo a vocês: muitos virão do Oriente e do Ocidente, e se sentarão à mesa no Reino do Céu junto com Abraão, Isaac e Jacó. Os herdeiros do Reino, porém, serão jogados nas trevas exteriores». (Mt 8,9-10)

Essa relação entre fé e eficácia do anúncio ou do que diz a Palavra constitui a primeira bem-aventurança nos evangelhos: «Bem-aventurada aquela que acreditou, porque vai acontecer o que o Senhor lhe prometeu. (Lc 1, 45)

Essas condições são indispensáveis para que haja bom encontro entre o crente e a palavra do Senhor.

Elas não o são menos para as comunidades cristãs. (A doutrina do Senhor era dirigida a grupos de discípulos, e Paulo escreve sua magnífica doutrina às comunidades primitivas, às igrejas locais nascentes.) Mais tarde, um cristianismo e, sobretudo, uma piedade muito individualistas transformarão esses magníficos programas em prática e conselhos para o cristão isolado.

Agora, a comunidade religiosa é e deve ser efetivamente comunidade cristã, comunidade de discípulos do Senhor, de crentes que seguem sua palavra.

Essas atitudes devem dar forma às relações recíprocas, à vida comunitária, isso a partir da alma coletiva de cada comunidade local, provincial ou geral; elas devem dar a forma às estruturas que devem ser reflexo e encarnação estrutural e coletiva deste

- estar em tensão e à espera da Palavra do Senhor,
- dessa veneração profunda com que a Palavra de Deus deve ser tratada em comunidade,
- dessa fé despertada e ativa. Mais do que de comunidades de sábios e de eruditos, necessitamos de comunidades de crentes.

### 2.3.2. – *Atenção e escuta*

Não se trata apenas de ouvir (é fenômeno físico), o que pode ser puramente passivo, ou pelo menos superficial e sem compromisso. Trata-se de estar atentos e de escutar: «Preste atenção às minhas palavras». (cf. Jr 17,20; 31,10; Ex 19,5; 23,21; Os 4,1; Is 55,3; 32,3). O Senhor, concluindo seus discursos, sobretudo quando o exigem o conteúdo e a situação, interpela e lança desafios aos ouvintes: «Quem tem ouvidos para ouvir, ouça». (Lc 8,8)

A Escritura nos propõe exemplos muito bonitos dessa escuta atenta do Senhor: «Fala, Javé, que o teu servo escuta». (1Sm 3,9) «O Mestre está aí e está chamando você. Quando Maria ouviu isso, levantou-se depressa e foi ao encontro de Jesus». (Jo 11,29) «Sua irmã, chamada Maria, sentou-se aos pés do Senhor, e ficou escutando sua palavra». Perante as reclamações de Marta, o Senhor lhe respondeu: «Maria escolheu a melhor parte, e esta não lhe será tirada». (Lc 10, 39 e 41) Provavelmente os dois trechos mais importantes em que se fala do valor capital da escuta são:

- *A resposta* dada pelo Senhor aos que lhe anunciam a presença da mãe e dos irmãos e à mulher, que depois de tê-lo ouvido falar, exclama encantada: «Feliz o ventre que te carregou, e os seios que te amamentaram». (Lc 11, 27) Jesus não hesita em responder: «Mais felizes são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática». (Lc 11, 28) «Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a Palavra de Deus, e a põem em prática» (Lc 8, 21)

O que chama fortemente a atenção é que essas passagens as encontramos precisamente no evangelista Lucas, aquele que narrou com mais pormenores que os demais o papel de Maria na encarnação, aquele que a apresentou, pela boca do Anjo, como cheia de graça e eleita pelo Altíssimo e a proclamou bem-aventurada, pela boca de Isabel, por ter acreditado ao que lhe foi dito da parte do Senhor. Esses contrastes, nascidos da boca do Cristo, justamente quando se faz alusão a essa admirável ouvinte da palavra de Deus, contêm

densidade e intencionalidade sem igual. Além disso, são colocados por Lucas no final da parábola do semeador.

- *A grande lição que Jesus nos deixou é sobre:*

A Palavra de Deus como semente.

As condições de escuta e acolhida da palavra.

Os resultados da palavra de Deus entre as pessoas.

O texto é tão sintético e ao mesmo tempo cheio de conteúdo e de sabedoria (numa parábola impossível de ultrapassar), que não se pode citá-la por inteiro, sem glosa: «O semeador saiu para semear a sua semente. Enquanto semeava, uma parte caiu à beira do caminho... ». (Lc 8, 6-15)

Essa parábola e sua explicação concluem com uma preciosa recomendação: «Portanto, prestem atenção como vocês ouvem: para quem tem alguma coisa, será dado ainda mais; para aquele que não tem, será tirado até mesmo o que ele pensa ter» (Lc 8, 18)

### 2.3.3. – *Acolher a palavra ouvida*

O Senhor pede algo mais profundo que a simples escuta: «Prestem atenção ao que eu vou dizer...». (Lc 9, 44)

*Trata-se de levar a palavra na sede mesma da acolhida: o coração.* «Uma mulher, chamada Lídia, adoradora do Senhor, escutava com atenção. O Senhor abriu o seu coração para que aderisse às palavras de Paulo». (At 16,14) Nessa tarefa o primeiro passo consiste em tornar disponível o coração, preparando os caminhos à palavra do Senhor: «Hoje, se ouvirem sua voz, não endureçam seus corações» (Sl 95, 8)

João, o Batista, pedia preparação completa para a vinda do Senhor (cf. Mc 1, 1-3).

*Acolher a palavra de Deus, conscientes de sua força operativa.*

« Quando ouviram a Palavra de Deus, vocês a acolheram não como palavra humana, mas como ela realmente é, como Palavra de Deus que age com eficácia em vocês que acreditam». (1Ts 2, 13)

*Essa ação deve ser estável. Erguer uma morada à palavra e deixar-se habitar por ela.*

«Irmãos, lembro a vocês o Evangelho que lhes anunciei, que vocês receberam e no qual permanecem firmes. É pelo Evangelho que vocês serão salvos, contanto que o guardem do modo como eu lhes anunciei; do contrário, vocês terão acreditado em vão». (1Cor 15, 1-2)

«Que a palavra de Deus permaneça em vocês com toda a sua riqueza» (Cl 3,16) «Eu manifestei o teu nome aos homens que me deste do meio do mundo. Eles eram teus e tu os deste a mim, e eles guardaram a tua palavra». (Jo 17,6) «...Por outro lado, o amor de Deus se realiza *de fato em quem observa a Palavra de Deus*». (1Jo 2,5)

Trata-se, portanto, de obter que essa escuta freqüente da palavra do Senhor, feita com paciência, feita com dedicação, feita de maneira pessoal, sim, mas sobretudo comunitária, entre pelos ouvidos e atinja o coração; penetre as diversas áreas de nosso ser e ache morada estável e direito de cidadania no coração, nas comunidades.

A Escritura, porém, vai mais longe, pede-nos mais. Essa morada da palavra deve ir ainda mais a fundo, como a Escritura solicita: «Escrever a palavra no coração, gravá-la nas entranhas». Trata-se de verdadeira assimilação. Isso já tinha sido anunciado e era objeto da grande esperança de Israel; daqueles que, em Israel, conservavam o sentido justo dessa espera: «Colocarei minha lei em seu peito e a escreverei em seu coração; eu serei o Deus deles, e eles serão o meu povo». (Jr 31, 33). Os Provérbios pediam isso sob forma de

preceito: «Amarre-os ao redor do seu pescoço e escreva-os na tábua do seu coração». (Pr 3,3)

De fato, esse resultado importante será fruto da nova aliança, em Jesus Cristo, pela força do Espírito Santo. É por isso que, no dia de Pentecostes, Pedro recordará que uma antiga profecia acaba de se realizar (cf. At 2,14).

São Paulo dará testemunho precioso dessa realidade concreta nas comunidades primitivas que viviam o fervor inicial: «Nossa carta de recomendação são vocês mesmos, carta escrita em nossos corações, conhecida e lida por todos...». (2Cor 3,2-3)

#### *2.3.4 – Aprofundar o tesouro da palavra inscrita em nós*

Quando a palavra de Deus vem a nós, verdadeiramente como dom, e que é recebida e ouvida com humildade, com gratidão, na fé, ela cria estados de alma de densidade espiritual e de alegria interior excepcionais. Quando esses fenômenos se vivem em comunidade, ela cria situações de fé comunitária e de frescor evangélico que impressionam os que entram em contato com eles. Fenômenos semelhantes atraem a atenção dos que freqüentam, por exemplo, as comunidades neocatecumenais, as reuniões dos focolares e certas comunidades ecumênicas que tentam, sobretudo, viver unidas ao Senhor e à sua palavra, em vez de fazer diálogos teológicos. Acontece o mesmo em quase todos os institutos em que o seguimento do Cristo e a entrega total ao Cristo nasceram de verdadeiro carisma e se alimentaram de sua santa palavra.

É muito freqüente que esses fenômenos apresentem nos indivíduos ou nas comunidades as características dos recém-convertidos e devem ainda passar por etapas de amadurecimento, de estabilização séria e de presença da cruz, etc.

Não importa sob que forma, mesmo nos casos de riqueza extraordinária de dom e de maturidade muito grande em quem o recebe, eles criam condições de exceção para que a palavra seja inscrita no coração, resta-lhe fazer longa e preciosa tarefa: a do aprofundamento da palavra.

Tomemos, a esse respeito, o caso mais típico de toda a história da salvação: a encarnação da palavra pessoal de Deus (o Verbo eterno) no seio de Maria, que é «bendita entre todas as mulheres», naquela em quem tudo se fez sob a sombra do Altíssimo e a ação do Espírito Santo, e a respeito da qual foi dita a bem-aventurança por ter acreditado e ter-se assim tornado a primeira e a mãe de todos os crentes e modelo para todos eles. Maria teve de empregar vários anos, ou melhor, toda a vida, para meditar essa palavra de vida eterna que seu Filho pronunciava. As palavras de Simeão e as palavras de seu Filho no templo, ela não vai compreendê-las, mas meditá-las-á por muito tempo no coração. Eis a grande tarefa que se impõe a todo crente.

A palavra de Deus possui conteúdo enorme; não se acabará nunca de compreendê-la, não se acabará nunca de explicá-la. Impõe-se, portanto, longa tarefa de aprofundamento da fé, que busca compreensão amorosa da palavra, progresso na palavra de Deus. Parece que essa tarefa pode muito bem ser tomada sob o fio condutor de quatro conselhos:

- 1 – a memória,
- 2 – empregar o coração,
- 3 – conservar atitude sempre positiva nas vicissitudes,
- 4 – estar em guarda contra a tentação e, sobretudo, contra o escândalo da palavra em nós.

#### *Lembrar-se*

O Apocalipse traça muito bem esse programa: «Lembre-se de como você recebeu e ouviu» (3,2). Lembrar-se é, por um lado, a volta ao momento de graça durante o qual tal ou tal palavra do Senhor nos tocou o coração, deixando-o, por vezes, incandescente. Essa volta é um reviver o que se viveu, e a palavra escrita torna-se para nós memorial da experiência

vivida, que pode repetir-se simplesmente ou reviver sob formas antes imprevisíveis e desconhecidas.

Essa lembrança, porém, comporta outra dimensão. A palavra pressagia e explica o acontecimento, mas ao mesmo tempo, o acontecimento recorda, confirma e esclarece a palavra. “Então o Senhor se voltou e olhou para Pedro. E Pedro se lembrou de que o Senhor lhe havia dito: ‘Hoje, antes que o galo cante, você me negará três vezes’.” (Lc 22,61) «Lembrem-se de como ele falou, quando ainda estava na Galiléia, e eles se lembraram de sua palavra». (Lc 24, 6 e 24, 31-32)

Portanto, é necessário viver dupla dialética:

- a) Aquela que vai da experiência interior da palavra à palavra, e reciprocamente;
- b) aquela que vai da palavra à vida e aos fatos, e destes à palavra numa interação maravilhosa, em que tudo se torna eco e aprofundamento da palavra do Senhor, embora, por vezes, seja questionada.

Lentamente, graças a essa lembrança amorosa dos encontros reiterados com a palavra de Deus, que marca nossa vida, formam-se, não por trabalho intelectual, mas por trabalho de vida (nascido da experiência vivida) uma síntese da fé e crescente habitação da palavra de Deus no coração. O crescimento não é apenas intensivo e qualitativo, mas também em conteúdo, extensão e compreensão num sentido profundo.

#### *Empregar o coração*

Saint-Exupéry escreveu: «O essencial é invisível aos olhos, apenas se enxerga bem com o coração». Na realidade, essa afirmação pode ser muito mais ousada, e certamente que Pascal a subscreveria: «Não é nem sequer com a inteligência que se enxerga bem, é somente com o coração que se atinge o coração das coisas, da realidade, da palavra de Deus. É por isso que tinha razão de insistir que «o coração tem razões que a razão não conhece». De fato, todos esses pensadores não fazem senão compreender e expressar, a seu modo, a profunda mensagem bíblica sobre o coração.

«Este é o meu pedido: que o amor de vocês cresça cada vez mais em perspicácia e sensibilidade em todas as coisas. Desse modo, poderão distinguir o que é melhor, e assim chegar íntegros e inocentes ao dia de Cristo. Estarão repletos então dos frutos de justiça obtidos por meio de Jesus Cristo, para a glória e o louvor de Deus». (Fl 1, 9-11).

Maria, em sua peregrinação de fé, é modelo esplêndido: «Maria, porém, conservava todos esses fatos e meditava sobre eles em seu coração». (Lc 2, 19 e 2, 51) No caso dos discípulos de Emaús, o Senhor, pelo contrário, chama a atenção sobre a lentidão dos corações para crer. «Então Jesus lhes disse: ‘Como vocês costumam para entender, e como demoram para acreditar em tudo o que os profetas falaram!’». (Lc 24, 25). Já tinha feito isso antes, por ocasião dos pães e do fermento: «Por que vocês discutem sobre a falta de pães? Vocês ainda não entendem e nem compreendem? Estão com o coração endurecido?». (Mc 8,17)

Nesta expressão, trabalhar com o coração o progresso da fé, quer-se insistir sobre três coisas importantes:

- 1 – O coração do homem em tudo apresenta dilemas e, por conseguinte, também perante o dom da fé e da palavra.
- 2 – O coração, na linguagem bíblica (que, ademais, é de realismo impressionante no conhecimento dos processos profundos do homem), é o lugar vivo dos pensamentos profundos, dos pensamentos intencionados, dos pensamentos dinâmicos e dos desejos. A quantidade de citações a esse respeito poderia constituir uma litania, de tal maneira a

Escritura retorna sobre esse ponto. Basta citar algumas: Mt 24, 48; Mc 2, 6; Lc 2, 35; Lc 3, 15; Lc 5, 22; Jo 13,2; At 8, 22; etc..

3 – É no coração que Deus semeia sua palavra: «Vem o Maligno e rouba o que foi semeado no coração». (Mt 13, 19) Para que o coração se torne terra boa, não basta trabalhar com o coração, mas trabalhar com bom coração. Com coração puro, porque se por um lado a fé cria a pureza, por outro lado a pureza ajuda a fé: «Felizes os puros de coração, porque verão a Deus» (Mt 5,8).

Com coração puro e, também, com coração reto e coração pacificado, porque nossos corações necessitam, nesse trabalho, da proteção da paz de Deus, para que sua santa palavra nos construa, em lugar de nos destruir: «A paz de Deus, que ultrapassa toda compreensão, guardará em Jesus Cristo os corações e pensamentos de vocês». (Fl 4,7) «Que a paz de Cristo reine no coração de vocês. Para essa paz vocês foram chamados, como membros de um mesmo corpo». (Cl 3, 15)

Enfim, levar em conta que não estamos sós. Nosso coração não é apenas nosso, dado que o Espírito Santo nele habita e age: «A prova de que vocês são filhos é o fato de que Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho». (Gl 4, 6)

As palavras de Pedro formam uma conclusão magistral a todo esse trabalho sobre o coração: «Não tenham medo... Ao contrário, reconheçam de coração o Cristo como Senhor». (1Pd 3, 15)

*Conservar uma atitude sempre positiva nas vicissitudes.*

*Manter-se alerta contra a tentação e contra o escândalo da palavra.*

A natureza intimamente ligada desses dois pontos faz com que os tratemos juntos. Qualquer vicissitude, se evoluir mal, pode conduzir a um bloqueio e a um recuo... eventualmente ao escândalo da palavra do Senhor.

A Palavra de Deus vive um drama no coração e na vida do homem. É raro que seja recebida em paz, porque sempre traz consigo interpelações e conseqüências. Além disso, ela encarna o Espírito e, como diz justamente São Paulo, há incompatibilidade entre o espírito e a carne, um atenta contra a outra e reciprocamente (cf. Gl 16-18). Dessa maneira, toda palavra de Deus, ao vir em nossa carne, entra em conflito, mais ou menos intenso, contra muitos interesses e inclinações e abre o drama da escuta e da autenticidade. Nesse drama jogam duas dimensões:

1) A da compreensão de seu significado, de seu sentido, de seu valor (dimensão de inteligibilidade).

2) A obediência à palavra e a seus conteúdos.

O desacordo pode sobrevir no único nível da obediência ou pode tocar até o nível da verdade e da compreensão.

Em nossa própria experiência e na dos coirmãos e amigos, se tivemos a ocasião de uma verdadeira introspeção e heterointrospeção, conhecemos esse drama, que se reflete também em muitas passagens dos evangelhos e, muito antes, no Antigo Testamento. Mais do que isso, ele é de tal modo freqüente que constitui a própria trama do maior número de páginas bíblicas. Trata-se do paralelo e do contraste entre a fidelidade e o amor divino e a fidelidade e o amor do homem a Deus. O livro de Oséias é constituído quase 100% desse drama.

Seguem alguns exemplos neotestamentários para apresentar esse drama à nossa consideração:

O jovem rico, fiel no cumprimento da lei, é convidado por Jesus a ingressar no Reino: «Quando ouviu isto: ‘Vá, venda tudo o que tem, dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro no céu, depois venha, e siga-me’, foi embora cheio de tristeza, porque era muito rico». (Mt 19, 22; ver também: Mc 8,18; 9, 32; 10, 34; Jo 3,7; 12,35 e 36.)

Todas essas passagens ressaltam momentos dramáticos do diálogo entre a palavra de Deus e o coração de tal ou tal pessoa, de tal ou tal grupo de pessoas, com resultados diferentes,

conforme o caso. Docilidade progressiva, por vezes, e busca hesitante, mas amorosa da luz, no caso dos discípulos; retirada e afastamento nos outros casos. A situação pode ir mais longe, ao escândalo da palavra de Deus. Há casos puramente aparentes e episódicos em que o amor de Deus e a nobreza do coração humano chegam a ultrapassá-los rapidamente, como aconteceu no famoso episódio de Pedro e o anúncio da paixão próxima; há outros casos muito mais sérios, como o abandono maciço dos discípulos perante a promessa do pão de vida na própria carne do Filho de Deus. Um dos casos mais surpreendentes e dolorosos foi quando Jesus ofereceu a liberdade, mas o orgulho a recusou brutalmente: «Então Jesus disse para as autoridades dos judeus que tinham acreditado nele: ‘Se vocês guardarem a minha palavra, vocês de fato serão meus discípulos; conhecerão a verdade, e a verdade libertará vocês’. Eles disseram: ‘ Nós somos descendentes de Abraão, e nunca fomos escravos de ninguém. Como podes dizer: ‘Vocês ficarão livres’?». (Jo 8, 31-33) O diálogo prosseguirá com a recusa nítida do convite de Jesus e sua condenação da parte de Jesus (Jo 8, 34-59); e então pegaram pedras para atirar em Jesus.

É o caminho que a palavra do Senhor parece nos indicar para interiorizar, para tornar nossa essa mesma palavra de Deus: criar as condições requeridas para que nos seja comunicada, para que a palavra de Deus venha a nós como o orvalho. Atenção e escuta, acolhida da palavra (colocando-a no coração, permitindo-lhe habitar em nós, escrevendo-a nas entranhas, deixando-nos assimilar por ela). E enfim, aprofundá-la e fazê-la progredir em nós, graças à lembrança amorosa e meditando-a, empregando totalmente o coração no aprofundamento dessa palavra, e por um bom discernimento na peregrinação e nas vicissitudes da fé, evitando cuidadosamente o escândalo e suas formas subtis que consistem em mudar o Evangelho de Jesus Cristo por meio de nossos próprios discursos. São Paulo já escrevia aos Coríntios a respeito dessas formas subtis e refinadas do escândalo da palavra: «Receio, porém, que assim como a serpente, com sua astúcia, seduziu Eva, os pensamentos de vocês se corrompam, desviando-se da simplicidade devida a Cristo. De fato, se chega alguém e prega a vocês um Jesus diferente daquele que lhes pregamos, ou se vocês acolhem um espírito diferente daquele que receberam, ou um evangelho diverso daquele que vocês abraçaram, vocês o suportam de bom grado». (2Cor 11, 3-4) E aos Gálatas escrevia de maneira muito mais enérgica, depois de ter começado a carta, recordando-lhes dois dos mistérios quase sempre escandalosos para a fé: a ressurreição e a cruz. «Estou admirado de vocês estarem abandonando tão depressa aquele que os chamou por meio da graça de Cristo, para aceitarem outro evangelho. Na realidade, porém, não existe outro evangelho. Há somente pessoas que estão semeando confusão entre vocês, e querem deturpar o Evangelho de Cristo. Maldito aquele que anunciar a vocês um evangelho diferente daquele que anunciamos, ainda que sejamos nós mesmos ou algum anjo do céu». (Gl 1, 6-8)

### *2.3.5 – Os primeiros frutos desse processo de interiorização*

Esse processo é incompleto. Não se trata somente de interiorizar a palavra de Deus, mas de torná-la efetiva e fazê-la produzir frutos de salvação. Isso será o assunto da parte seguinte (a terceira parte). Todavia é bom descobrir que já há nesse processo de interiorização, como pura graça que lhe é concedida, uma primeira frutificação interior, que é o corolário dessa primeira etapa. É o que o Senhor assinala quando diz que o Reino é semelhante a um grão semeado, que germina, cresce e dá espiga, enquanto o semeador dorme (cf. Mc 4, 26-29). Eis os frutos:

- Libertados pela palavra (cf. Jo 8, 31-32).
- Gerados pela palavra: «Por sua própria iniciativa, ele nos gerou por meio da Palavra da verdade, para que nos tornássemos as primícias dentre as suas criaturas». (Tg 1, 18)
- Confirmar-nos em sua palavra (1Jo 2, 5)
- Fazer-nos entrar em sua família (Lc 8, 21).

- Beatificar-nos por sua palavra (Lc 11, 28).
- Imortalizar-nos por sua palavra: «Se alguém guardar a minha palavra, jamais verá a morte». (Jo 8, 51)
- Fazer brotar em nós o rio de sua palavra; tornar-nos eloqüentes a seu respeito: «A boca fala aquilo de que o coração está cheio». (Mt 12,34; ver também At 2,14-17)

### *Conclusão*

A carta aos Hebreus nos apresenta, em síntese extraordinária, não apenas a acolhida impressionante que nossos pais na fé reservaram à palavra e ao testemunho de Deus, mas também ao poder e à eficácia da palavra neles próprios.

Viveram na fidelidade, na espera da promessa. Devemos recordar, pelo menos para quem aceita deixar-se invadir pela plenitude da revelação, a misteriosa palavra de Jesus a respeito de João Batista e isso apesar de seu tamanho gigantesco: «Eu garanto a vocês: de todos os homens que já nasceram, nenhum é maior do que João Batista. No entanto, o menor no Reino do Céu é maior do que ele». (Mt 11, 7-11)

## **2.4. Onde escutar e encontrar a Palavra de Deus?**

Uma pergunta de ordem mais prática e concreta sobrevém:

Quais seriam os lugares mais indicados para pessoas que quisessem realmente encontrar a palavra de Deus e dela saciar-se? Permitimo-nos sugerir os seguintes:

### *2.4.1. – Na própria Escritura (expressão escrita e privilegiada da Palavra de Deus).*

Não é o caso de recomeçar a provar os fundamentos de sua grandeza; já foram ditas muitas coisas a esse respeito. O que é importante é sugerir duas maneiras de aproximar-se dela.

a) Quando é proclamada na Eucaristia. A Palavra de Deus nunca é tão poderosa do que quando se conjugam as diversas formas de presença, anunciadas pelo Senhor nos evangelhos, quer ela seja proclamada nos esplendores ou na simplicidade do culto, no seio de uma comunidade de crentes, reunidos para rezar em nome de Jesus e na partilha do Pão em memória do que fez durante a última ceia. Enquanto somos peregrinos entre o dia de hoje e o momento em que comeremos de novo a Páscoa com Jesus no Reino de Deus, sua palavra adquire a graça de sacramento, sobretudo na celebração da Eucaristia.

b) Aprofundada na oração pessoal. Isso equivale a saber consagrar um tempo periódico e sério à palavra de Deus na oração pessoal. Esta oração rarefez-se, de maneira lastimável em muitas congregações e em muitos religiosos, sem medir o processo de secularização mental e alienação pessoal a que isso nos pode conduzir coletivamente.

### *2.4.2. – Nas tensões da vida vivida como Maria*

Nós, Maristas, temos uma espiritualidade ativa, e é inútil procurar o contato com o Senhor, próprio de nossa vocação, à margem dos ritmos da vida. O último Capítulo Geral escreveu para nós, descrevendo os lugares onde um Marista pode encontrar a Deus. Diz: «Se experimentamos tensões e discórdias pessoais e comunitárias, isso não se deve ao fato de sermos Maristas, mas de fazermos parte do povo de Deus. Essas tensões devem tornar-se para nós lugares onde a palavra de Deus nos deve trazer concretamente sua mensagem aqui e agora».

Vocês, combonianos,<sup>3</sup> estão chamados a uma espiritualidade missionária. Acredito que somos peregrinos por caminhos semelhantes. A respeito desses caminhos, a Virgem Maria pode nos ensinar bastante. A concepção de Jesus, os serviços à sua prima Isabel, o cumprimento das prescrições rituais do Templo, a emigração forçada ao estrangeiro, as

<sup>3</sup> Nome dos religiosos da Congregação fundada pelo Beato Daniel Comboni.

misteriosas palavras de Simeão, a festa de Caná, etc., produziram nela uma evolução de sua fé israelita para a fé cristã. Os fatos dramáticos e a polêmica a respeito do Filho, vividos ao ritmo da escuta de sua pregação, levaram-na a optar pela Igreja em lugar da Sinagoga. Maria tem muito a nos ensinar sobre a interiorização da palavra de Deus no ritmo da vida e no coração da realidade. Maria teve de viver a história mais dramática que uma mãe nunca viveu no mundo por seu filho, num grande esforço para compreender seu destino e aceitá-lo totalmente, desde a palavra de Deus, nos fatos tormentosos, da Anunciação até o domingo da Ressurreição, e desta até o Pentecostes e até sua morte.

#### 2.4.3 – Na amizade espiritual

Essa pode ser vivida nos encontros fraternos, sob forma de ajuda ou de mediação espiritual, ou sob a forma de correspondência epistolar.

No passado fomos formados para o individualismo espiritual: «*Secretum meum mihi*».

Falar de nossa experiência de Deus, dar testemunho e razão fraterna de nossa fé, comunicar o que há de mais precioso em nós, e que é o amor, a esperança, o ideal evangélico, dir-se-ia que, para nós, é algo de que não se deve falar.

O Senhor colocou os fundamentos dessa comunhão espiritual: «Eu já não chamo vocês de empregados, pois o empregado não sabe o que seu patrão faz; eu chamo vocês de amigos, porque eu comuniquei a vocês tudo o que ouvi de meu Pai». (Jo 15, 15)

Bonhoeffer, em página magistral de sua pequena obra *A Vida Comum*, traça o que deveria ser a amizade espiritual. Toda a sua obra se apóia na fraternidade e na comunidade formada pela Palavra e somente pela Palavra do Senhor.

«A presença física de outros cristãos é para o crente fonte de alegria incomensurável e de força. É com profunda nostalgia que o Apóstolo Paulo, na prisão, pede a ‘seu caro filho na fé’, Timóteo, de vir; nos últimos dias da vida, quer tê-lo próximo. Paulo não esqueceu as lágrimas que Timóteo derramou por ocasião do último adeus (2Tm 4,4). Pensando na comunidade de Tessalônica, Paulo reza ‘noite e dia, com insistência, para que possa revê-los’ (1Ts 3, 10). João, avançado em anos, sabe que a alegria que experimenta ao pensar nos seus será perfeita somente quando puder reunir-se com eles e lhes falar de viva voz, em lugar de ser apenas por carta (2Jo 12). Não há vergonha alguma em sentir-se ainda muito apegado a esta vida, se um crente desejar rever a face de outros cristãos. O homem foi criado com corpo, e o Filho do homem veio entre nós com corpo, foi ressuscitado em seu corpo, é no corpo que o crente recebe os sacramentos. A ressurreição dos mortos acarretará a comunhão plena das criaturas de Deus, espirituais e corporais ao mesmo tempo. Na presença física do irmão, o crente glorifica o Criador, o Redentor, o Reconciliador, o Salvador, Deus Pai, Filho e Espírito Santo. O prisioneiro, o doente, o cristão na diáspora, reconhecem, na proximidade do irmão um sinal corporal da presença de Deus. Visitante e visitado conhecem na solidão, um no outro, o Cristo que está presente fisicamente.

Acolhem-se reciprocamente e se reencontram como se encontra o Senhor, com respeito, humildade e alegria. Recebem um do outro a bênção como bênção do Senhor Jesus Cristo. Mas, se já no simples encontro de um irmão com outro irmão há tanta alegria, que riqueza infinita não recebem os que, segundo a vontade do Senhor, são destinados a viver dia após dia em comunhão de vida com outros cristãos!... Esquece-se facilmente que a comunhão com irmãos cristãos é uma graça do Reino de Deus, que pode ser arrebatada a todo o momento e que sobrarão pouco tempo antes de ser lançados na mais profunda solidão. (*Ele mesmo será lançado na prisão pelos Nazis e morrerá aí. Aqui pressentia isso.*) Eis por que, quem até agora, pôde gozar de uma vida cristã junto com outros cristãos, agradeça do mais íntimo do coração a graça de Deus e que agradeça a Deus e reconheça que é uma graça, nada mais do que uma graça, se hoje podemos viver em comunhão como irmãos cristãos». (Dietrich Bonhoeffer: *A Vida Comum*)



#### 2.4.4 – Na comunidade

A comunidade pode, efetivamente, representar três oportunidades distintas e complementares:

- o fato de viver juntos,
- a busca ou o discernimento,
- o compromisso e a ação.

Ainda aqui os ensinamentos de Bonhoeffer podem servir-nos muito e de maneira prática. De certa forma, a comunidade cristã, fruto da palavra de Deus, cresce graças à palavra e faz crescer a palavra nos diversos membros da comunidade. Há maneiras comunitárias de escutar e de aprofundar a Palavra de Deus. Elas me parecem-me úteis para as comunidades que não têm ainda iniciação apropriada ou cujos membros (pelo menos alguns, em proporção considerável) têm preconceitos contra esse tipo de exercício.

Poderíamos ilustrar essas formas, caso de precisem delas. Mas, uma vez que as etapas de iniciação e de vitória sobre essas reservas e desconfianças foram superadas, o melhor é o encontro natural em volta da palavra de Deus; assim a vida comunitária nasce espontaneamente na partilha da fé, da palavra de Deus, e no fato de se colocar juntos para implorar a Deus e louvar seu santo nome (cf. Cl 3, 16).

#### 2.4.5 – Na cruz, na doença e na velhice

A cruz, qualquer que seja sua forma, é porta admirável para que nossos olhos se abram e para que o sentido profundo das Escrituras nos seja revelado. (“Será que o Messias não devia sofrer tudo isso...?”. – Lc 24, 26)

Essa cruz se apresenta, por vezes, como o passo necessário para que todas as realidades se tornem Páscoas. Por exemplo, a vocação; por exemplo, o apostolado; por exemplo, a missão; por exemplo, a própria vida comunitária, se ela perde seu sabor hedonista, captativo, egoísta, e se torna oblativa com o exercício assíduo do mandamento do Senhor: «Amem-se uns aos outros, assim como eu amei vocês» (Jo 15, 12), através da passagem obrigatória da cruz comunitária, valentemente aceita, sem escapatórias nem «justificativas». Permito-me, aqui, uma bela passagem extraída de carta recente de um grande missionário, que, presentemente, arrisca a vida num país em perigo. (Aqui Basílio cita a carta que figura no caderno 7: texto 3).

## REALIZAR A PALAVRA DE DEUS PROCESSO DE EXTERIORIZAÇÃO

*Se vocês me amam, obedecerão aos meus mandamentos. (Jo 14, 15)*

*Mais felizes são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática. (Lc 11, 28)*

### **3.1. Que se entende por: Fruto da palavra mediante nossa resposta?**

A palavra de Deus não é a revelação do Senhor em vista de pura contemplação especulativa, mas uma palavra com um objetivo da parte de Deus de esclarecer a realidade, alimentar a esperança e, ao mesmo tempo, dinamizar o compromisso, a partir do amor gerado em nós pela vida de Cristo em nós.

Toda a Antiga Aliança centrava-se na adoração e no reconhecimento de Javé, como o único Senhor, e na observância da lei. A aliança de Jesus colocará no centro o grande preceito do amor e uma vida, depois de se ter aberto à fé, graças à obediência a ela, ao ritmo dos ensinamentos de Jesus... De maneira particular, o espírito das bem-aventuranças, o seguimento dos conselhos evangélicos, a radicalidade do Evangelho, em suma, toda a vida nova e a conduta nova que provêm da vida no Espírito e pelo Espírito. Não se trata de uma palavra em si, mas de uma semente semeada em nosso campo, para fazê-la frutificar em obras de vida eterna.

Não se trata de palavra puramente teórica, mas de uma palavra-diálogo, que aguarda resposta..., de uma palavra programa.

Em relação à oração propriamente dita, por vezes, a parte mais íntima da religião, Sören Kierkegaard escreveu, com profunda razão, o que segue: «O devoto ingênuo acredita que a coisa principal na oração, o ponto sobre o qual é necessário antes de tudo estar atento, é que Deus ouve o que se pede. No entanto, no sentido eterno da verdade, as coisas são justamente o contrário. A verdadeira situação da oração não é quando Deus deve ouvir o que lhe pedimos, mas quando aquele que reza persevera na oração até o momento em que é ele que ouve, que escuta o que Deus quer. Quem reza, visando a um resultado imediato, necessita de muitas palavras, e é por isso que, no fundo, ele é tão exigente; quem reza de verdade é somente escuta».

Assim, portanto, todo o processo que foi descrito, ficaria não apenas incompleto, mas até contrariado em seu próprio dinamismo natural, negando e traindo, perdendo o tempo, se isso não desemboca no *Sim Afetivo interior* à Palavra do Senhor, pela qual no coração lhe dizemos sim, e ao *Sim Efetivo das obras*, pelo qual, quando vêm o momento e as circunstâncias oportunas, colocamos em ação o que as palavras disseram.

Trata-se de um *processo vital pleno*, quer dizer, é preciso viver do que se ouviu, do que se acolheu, não apenas de uma maneira de conhecimento afetivo, mas também e sobretudo de maneira afetiva unida a obras.

Trata-se de processo que vivifica, porque, como diz o Senhor, esse amor que conduz a observar os mandamentos está carregado de conseqüências: «Se alguém me ama, guarda minha palavra, e meu Pai o amará. Eu e meu Pai viremos e faremos nele a nossa morada». (Jo 14, 23-24)

Vê-se como o que foi dito anteriormente (o que foi exposto na segunda parte) era vital para a interiorização, isto é, desenvolvia uma vida interior; isto é vital para *uma exteriorização existencial*

Esta parte do fruto caracteriza-se por um sim da pessoa à palavra do Senhor ou, melhor dizendo, às exigências práticas da conduta do homem, inseridas na palavra do Senhor ou dela derivadas, segundo o caso. Na realidade, trata-se de um duplo sim:

– Um sim que é oferecido na vontade e no coração, aceitando e amando interiormente aquilo que o Senhor manda, pede...

– Um sim exterior que age verdadeiramente quando a ocasião é oportuna.

O primeiro desses *sim*, pode-se dizer, é a conclusão normal do processo anterior e seu primeiro fruto e o começo de um processo de vida, ou de viver a palavra de Deus.

### 3.2. Os passos

Existe todo um longo caminho a percorrer para mudar nosso espírito, para mudar nosso coração e para que a palavra chegue a dar forma a toda a vida e a toda a conduta. São Tiago escreve numa passagem de grande beleza e densidade: «Por isso, deixem de lado qualquer imundície e sinal de malícia e recebam com docilidade a Palavra que lhes foi plantada no coração e que pode salvá-los. Sejam praticantes da Palavra, e não apenas ouvintes, iludindo a vocês mesmos». (Tg 1, 21-22)

Com linguagem muito mais delicada, São Pedro chega à mesma conclusão: «Reconheçam de coração o Cristo como Senhor, estando sempre prontos a dar a razão de sua esperança a todo aquele que a pede a vocês, mas com bons modos, com respeito e mantendo a consciência limpa. Assim, quando vocês forem difamados em alguma coisa, aqueles que criticam o bom comportamento que vocês têm em Cristo ficarão confundidos». (1Pd 3, 14-16).

Dar a razão de nossa esperança. Palavra capital, explicar o porquê de nossa esperança. A esperança que torna possível essa ação representa o primeiro passo da frutificação interior.

### *3.2.1 – Primeiro passo: Viver com esperança, graças à palavra*

A esperança em sua tríplice função e comportamento que diz respeito ao cristão: o desejo, a espera e a aceleração.

*De desejo* porque «tudo gira em torno da promessa e da realidade, em redor do ‘já e do ainda não’, do advento e da acolhida. Os tempos bíblicos se cruzam, e o cristão deve saber conjugar e sobrepor os tempos ‘ele veio, ele vem, ele virá’. Vive-se de uma lembrança que desperta a gratidão; de uma experiência que aumenta a sede; de uma promessa que nos mantém atentos e vigilantes, porque não sabemos o dia nem a hora..., quando menos se espera. O desejo é a raiz humana mais típica da esperança, unida à convicção naquele em quem se espera». Não se espera em sentido teológico, antes deseja-se. Uma esperança sofrida, tímida, não é esperança. E o objeto mais central da esperança é a vinda do Senhor Jesus, de seu reino entre nós e em nós. Quando esse desejo vive e é intenso em nós e a coerência progressiva criada pela palavra de Deus cresce em nós, nossa colaboração para essa vinda e para a realização do Reino começa, isto é, a ação e suas conseqüências começam porque elas já são ardentemente desejadas.

#### *Na espera*

Não apenas se deseja; desejam-se muitas coisas, embora sabendo que não são possíveis e que nunca chegarão.

A esperança cristã aguarda algo que virá de fato, de que se está convencido, pela fé, que aquilo chegará, porque Deus se comprometeu com sua palavra... Essa segunda dimensão da esperança é fonte de quantidade de atitudes existenciais:

estar à espera,  
contar com,  
o otimismo  
e a paz...

Ela ajuda «a viver com paciência e ação a palavra de Deus». No caso dessa passagem à ação e à realização da palavra de Deus, esse aspecto de viver a palavra de Deus na esperança é fundamental, indispensável. Sem a força de Deus, os conteúdos da palavra – por dinâmicos que possam ser – tornar-se-ão, como a antiga lei, ocasião de infidelidade e de pecado, um jugo que esmaga em lugar de libertar. O próprio da fé é que ela salva. Esse poder reside em duas coisas:

1 – Na promessa e na realidade da ajuda do alto, um poder seu que transcende o homem e que, retornando como dom imanente para o homem (Rm 5,5), produz em nós o poder e o fazer.

2 – Nos efeitos psicopositivos criados em nós por essa convicção e pela beleza e nobreza dos conteúdos da palavra de Deus. por outra parte, criam em nós.

#### *A aceleração*

O homem sente e tem necessidade de ele mesmo agir. Em primeiro lugar, essa ação é fruto naturalmente pedido e inerente à palavra que habita nele e do Espírito que o anima e nos anima. Isso ocorre não de maneira mecânica, mas de maneira livre. «Cristo nos libertou para que sejamos livres» (Gl 5,5). A esperança age no homem de modo operativo sob dupla forma: conduzindo-o, de uma parte, a abreviar o dia do Senhor, a fazer-se obreiro do reino, com todo o senso de seus limites, mas também com toda a convicção de que recebeu a missão desse trabalho; e, de outra parte, agir e esperar com paciência, sem desanimar com a demora ou o não-aparecimento dos resultados, da messe plena.

Mais ainda, saber aceitar, por mais dolorosos que sejam, os ritmos da realidade e dos outros, com aceitação adequada.

Enfim, é necessário insistir sobre uma coisa: a esperança vive-se em comum; as promessas foram feitas ao novo Israel (Gl 4, 21-27).

### 3.2.2. – Segundo passo: Viver a palavra de Deus com paciência e ação

*Ação.* O Filho do homem virá e virá pedir conta da administração no momento menos esperado. Feliz o servo que está pronto: «Prestem atenção! porque vocês não sabem quando vai ser o momento». (Mc 13,33) Esse refrão que, sob formas e metáforas ou parábolas diferentes, vai ser repetido pelos sinóticos, não pode ser dissociado do agir cristão, como se se tratasse de uma espera pura e calma da segunda vinda do Senhor. Trata-se de espera ativa em que devemos gerir o que nos foi confiado. As parábolas do servo vigilante, do intendente infiel, dos talentos, como também as referências de Jesus ao dilúvio e o discurso do juízo final, são coisas sérias, de força incomum para colocar no contexto exato a preparação para a hora do Senhor e evitar cair em espera beata. É necessário preparar-se para acolhê-lo com frutos de justiça e obras de caridade.

Mais adiante, voltaremos sobre esse aspecto de colocar em prática os ensinamentos do Senhor.

*Com paciência.* O cristão, porém, sabe que o tempo para agir está condicionado pelo tempo de Deus. Para o próprio Jesus, o santo de Deus, os evangelistas afirmam várias vezes: «Minha hora ainda não chegou». (Jo 2, 4) «O momento certo ainda não chegou para mim. Para vocês, qualquer momento é bom». (Jo 7,6 ). Há, portanto, o tempo propício e o tempo de espera. Há os tempos da espera e da paciência, e há os tempos da graça e do julgamento. «A paciência é essa educação para marchar segundo o passo de Deus e segundo o ritmo de Deus em nossa ação, em nossa pregação, em nossas intervenções, tolerâncias e intolerâncias.»

A parábola do joio é muito sugestiva a respeito da paciência e dos tempos de Deus, perante as impaciências pastorais das pessoas e mesmo, por vezes, perante as impaciências espirituais em que, procurando ser fiéis, queremos ser mais justos e mais rápidos, a nosso respeito, do que Deus, e assim também em nossa pedagogia da formação. (Basílio cita a parábola, Mt 13, 24-30.)

Vê-se bem que, para o Senhor, a História é o tempo da paciência de Deus. Nossa ação deve ser educada, conduzida, edificada pela palavra de Deus e não por nossas reações psicológicas, nem por nossas reações antropológicas. Quanto ganharíamos, se a pastoral das vocações se inspirasse nisso, como também o espírito missionário, os projetos comunitários, as atividades da pastoral, a formação de nossos futuros religiosos, a direção espiritual, etc.

Quantas vezes, pelo contrário, nossa fé é aquela adolescente e imatura dos dois discípulos, com suas intemperanças e radicalismos inoportunos, tão bem retratados no episódio da má acolhida por parte dos samaritanos (cf. Lc 9, 51-56).

### 3.2.3 – Terceiro passo: viver a palavra de Deus num amor que dialoga

A oração não é apenas etapa natural do processo de interiorização da palavra de Deus, sobretudo sob a forma de meditação e de contemplação desta (já exposta na segunda parte), mas também um mandamento do Senhor e um dever do coração do cristão; definitivamente, o fruto da palavra de Deus é uma realização desta. «Deveis rezar sempre, sem desistir». (Lc 18, 1; 1Ts 5, 17)

O Senhor sabe que nossa humanidade é como a de Pedro... cheia de impulsos de generosidade e quedas de arrogância, seguida muitas vezes não só de dolorosas rupturas entre o projeto e o apelo, a realidade e a resposta, mas de quedas e contratempos surpreendentes: «Vigiem e rezem, para não cair na tentação! Porque o espírito está pronto para resistir, mas a carne é fraca». (Mc 14, 38) “Pedro, você daria a vida por mim? Eu lhe garanto: antes que o galo cante, você me negará três vezes”. (Jo 13, 37-38)

Não se deve rezar somente para evitar o pior, o que é negativo, mas para chegar a ser o sarmento fecundo, portador de boas obras. A oração e a inserção em Jesus tornam-se um dos pontos capitais que a palavra de Deus deve realizar, como condição para que as outras palavras de Deus sejam acolhidas: “Eu sou a videira, e vocês são os ramos. Quem fica unido a mim, e eu a ele, dará muito fruto; porque sem mim vocês não podem fazer nada. Quem não fica unido a mim será jogado fora como um ramo, e secará. Se vocês ficam unidos a mim e minhas palavras permanecerem em vocês, peçam o que quiserem e será concedido a vocês”. (Jo 15, 5-7)

Em todas as ocasiões em que os limites de nossos esforços ou de nossa vontade prática foram atingidos e, contudo, permanecemos na infidelidade, na falta de obras, o recurso humilde e cheio de fé à oração deve tornar-se a atitude de base, apoiada na palavra do Senhor: «Peçam e lhes será dado! Procurem, e encontrarão! Batam, e abrirão a porta para vocês!». (Lc 11, 9-10) Em seguida, o Salvador dá a razão mais forte, aos olhos da fé, desta recomendação: “Será que alguém de vocês que é pai, se o filho lhe pede um peixe, em lugar do peixe lhe dá uma cobra? Ou ainda, se pede um ovo, será que vai lhe dar um escorpião? Se vocês, que são maus, sabem dar coisas boas aos filhos, quanto mais o Pai do céu! Ele dará o Espírito Santo àqueles que o pedirem”. (Lc 11, 11-13)

Não há muito tempo, eu falava com um Irmão, em conversa amiga, e ele me declarava: «Em minha vida, estou constantemente orientado para a vontade de Deus, desejando-a profundamente. Antes de pedir algo ao Senhor, penso se está de acordo com seu coração e para seu reino, porque é isso que desejo e não outra coisa. Uma vez pedida, não chego a pensar que me seja negada». Belas palavras, pronunciadas no entardecer de uma vida santa; ratificam pela experiência pessoal as palavras do Senhor.

### 3.2.4 – Quarto passo: Viver a Palavra de Deus num amor ativo

A síntese do cristianismo poderia muito bem ser: Deus nos amou com amor admirável e fiel: eis todo o dogma. A nós de amar a Deus e ao próximo como ele nos amou: eis toda a moral. O adágio popular di-lo de maneira decisiva: «As obras são amor e não boas razões». O ensinamento da Escritura e a análise da palavra de Deus nos conduzem naturalmente à esta conclusão: o amor deve manifestar-se em atos, e a única fé que justifica é a fé ativa e que faz agir: «Sejam praticantes da Palavra, e não apenas ouvintes, iludindo a si mesmos». (Tg 1, 22)

São Paulo, na carta aos Romanos, nos dirá: «Não são aqueles que ouvem a Lei que são justos diante de Deus, e sim aqueles que praticam o que a Lei manda». (Rm 2, 13)

O Senhor dizia aos judeus: «Por que vocês me chamam: ‘Senhor! Senhor!’, e não fazem o que eu digo?». (Lc 6, 46)

Este é o princípio e a base de todo o fundamento sério da vida cristã, seja para uma pessoa ou para uma comunidade ou para uma instituição: «Vou mostrar a vocês com quem se

parece todo aquele que ouve as minhas palavras e as põe em prática. É semelhante a um homem que construiu uma casa: cavou fundo e colocou o alicerce sobre a rocha...». (Lc 6, 47-49)

Este dilema é capital:

escutar e praticar,

ou

escutar e não praticar.

As conseqüências de uma ou de outra opção são decisivas, e o Senhor as sublinha quando fala a seus verdadeiros discípulos: «Nem todo aquele que me diz ‘Senhor, Senhor’, entrará no Reino do Céu. Só entrará aquele que põe em pratica a vontade de meu Pai que está no céu. Naquele dia muitos me dirão: ‘Senhor, Senhor, não foi em teu nome que profetizamos? Não foi em teu nome que expulsamos demônios? E não foi em teu nome que fizemos tantos milagres?’ Então, eu lhes vou declarar a eles: Jamais conheci vocês. Afastem-se de mim, malfetores!». (Mt 7, 21-23)

Desde o início da vida pública, numa palavra que encerra todo um programa, Maria sintetizou em Caná, o procedimento cristão: «Façam o que ele mandar». (Jo 2, 5)

Depreende-se disso, não apenas um fato histórico, mas toda uma série de ressonâncias para o futuro:

- os servidores lhe obedecem,
- a hora de Jesus é adiantada,
- Jesus realiza seu primeiro sinal,  
e manifesta sua glória,
- e os discípulos creram nele.

Naquilo que acaba de ser dito, unimos duas coisas: amor e colocação em prática da palavra. No cristão, as duas devem estar indissolúvelmente unidas. O cristão recebeu do Senhor um mandamento: amar, e todo o conteúdo de sua palavra é o amor. Ele a colocará em prática porque ama, e porque é a maneira concreta de amar a Deus e ao próximo. O Senhor tinha dito: «Quem aceita os meus mandamentos e a eles obedece, esse é que me ama». (Jo 14,21) Provavelmente não há texto mais significativo e, ao mesmo tempo, mais prático, para esse elo entre o querer e o agir e a relação que tem com a palavra de Deus e com o Cristo, como destinatário de nosso serviço, do que o famoso texto de São Mateus 25, 31-36 (O juízo final).

Em primeiro lugar, é o sentido definitivo que emerge do texto, e une a esse sentido o da universalidade: «Todos os povos da terra serão reunidos diante dele». (Mt 25, 32) Segue a impressionante lista das necessidades humanas, situações concretas, presentes em nosso mundo, em nossas sociedades, perante as quais, realmente, nos habituamos e as esquecemos... ao ponto de lhes tirarmos o significado e a capacidade de apelo: fome, sede, emigração, doença, prisão. Com certeza, esses aspectos expressam também todos os que faltam.

Segue a dupla forma de procedimento: «Vocês me alimentaram, me deram de beber...» ou então: «Não me alimentaram, não me deram de beber...».

Na lista das necessidades e na lista dos procedimentos tidos perante essas necessidades, encontramos o Cristo como sujeito desses procedimentos... Ele experimenta necessidades e a ele é que prestamos serviços, ou então, não os prestamos. A conclusão da descrição encontra-se em dois aspectos complementares: de um lado, a surpresa: «Senhor, quando foi que te vimos...», e, de outro lado, a retribuição: «Venham vocês, que são abençoados por meu Pai... Afastem-se de mim, malditos...».

E enfim, o leitmotiv subjacente em tudo: “Eu garanto a vocês: todas as vezes que vocês fizeram isso (ou, não fizeram) a um dos menores de meus irmãos, foi a mim que o fizeram (ou, que não o fizeram)”.

É um texto tão importante que convida a um exame muito sério, que pode fazer surgir grande alegria, grande otimismo, um poderoso apelo à conversão.

É por isso que, com justa razão, denominou-se «obediência da fé», a fé que se dá à palavra de Deus. O próprio Jesus aprenderá a obediência e, tendo atingido a perfeição, tornou-se princípio de salvação para quantos lhe obedecem. São Pedro o diz muito bem: «Pela obediência à verdade vocês se purificaram, a fim de praticar um amor fraterno sem hipocrisia. Com ardor e de coração sincero amem-se uns aos outros. Vocês nasceram de novo, não de uma semente mortal, mas imortal, por meio da palavra viva de Deus, que é viva e que permanece». (1Pd 1, 22-23)

### 2.3.5 – Quinto passo:

#### *Proclamar essa palavra de Deus que reside em nossos corações*

A palavra recebida de Jesus – Palavra eterna do Pai, com quem viveram os apóstolos por vários anos e que viram, em continuação, realizado o drama da morte e da ressurreição, depois esplendidamente animada, no dia de Pentecostes – produzirá um efeito de expansão e de difusão nos primeiros cristãos: «Não podemos nos calar sobre o que vimos e ouvimos». (At 4, 20) Paulo poderá dizer a Timóteo: «A palavra de Deus não está algemada». (2Tm 2,9)

Ela será anunciada a tempo e a contratempo em situações favoráveis ou desfavoráveis, correndo o risco da pregação «pela bela audácia de anunciar sem medo a Palavra». (Fl 1,14)

O Senhor tinha dito a Pedro alguma coisa que (*mutatis mutandis*) vale para todo o apóstolo: «Farei de vocês pescadores de homens». (Mc 1,17) Não se trata somente da vocação, mas também da missão: «Vão pelo mundo inteiro e anunciem a Boa-Notícia para toda a humanidade». (Mc 16,15) E não é somente o fato da vocação e da missão, mas também a exigência da Palavra que cresce em nós e nos impele: «Anunciar o Evangelho não é título de glória para mim; pelo contrário, é uma necessidade que me foi imposta. Ai de mim, se eu não anunciar o Evangelho!». (1Cor 9, 16).

Essas três realidades subsistem segundo a vocação própria de cada cristão e, *a fortiori*, para quem optou pelo seguimento de Cristo na vida religiosa: a vocação, a missão e a urgência interior de anunciar o Cristo. As maneiras podem variar, mas serão sempre fundamentadas em duas categorias:

- O testemunho (e o serviço prestado em nome do Senhor e por amor dele),
- a palavra e os sinais.

A cada um de nós, o Senhor pode pedir de ir mais longe, embora não se veja nada, mas apoiados em sua palavra: «Quando acabou de falar, disse a Simão: ‘Avance para águas mais profundas, e lancem as redes para a pesca’. Simão respondeu: ‘Mestre, tentamos a noite, e não pescamos nada. Mas, em atenção à tua palavra, vou lançar as redes’». (Lc 5, 4-5) Sabemos o que aconteceu: pescaram grande quantidade de peixes... E Pedro, espantando, lhe disse: «Afasta-te de mim, porque sou um pecador!». O Senhor lhe respondeu: «Não tenha medo! De hoje em diante você será pescador de homens». (Lc 5, 4-11)

Pode haver quedas e dificuldades. O importante é ter sempre uma referência ao Evangelho de Cristo e à sua pessoa como ponto permanente de referência. E as palavras do Senhor ressoarão em nossa vida, como na de Pedro: «Eu rezei por você, para que a sua fé não desfaleça. E você, quando tiver voltado para mim, fortaleça os seus irmãos». (Lc 22,32)

Será necessário deixar-se conduzir pela mão do Senhor, sem perguntar, visto que a resposta está escrita: «O que é que você tem com isso? Quanto a você, siga-me». (Jo 21, 15-22).

Pedro amou e seguiu. Os capítulos 2, 3 e 4 dos Atos dos Apóstolos nos mostram um Pedro audacioso, anunciando a Boa-Notícia a Jerusalém.

Na linha da fidelidade, da vocação, da missão, há um Pedro em cada um de nós.

O belo testemunho de Paulo pode também ser nosso programa de fidelidade ao Evangelho, e, se for necessário, até na perseguição. «Somos atribulados por todos os lados, mas não desanimamos; somos postos em extrema dificuldade, mas não somos vencidos por nenhum obstáculo; somos perseguidos, mas não abandonados; prostrados por terra, mas não aniquilados. Sem cessar e por toda a parte levamos em nosso corpo a morte de Jesus, a fim de que também a vida de Jesus se manifeste em nosso corpo». (2Cor 4,8-11)

### **3.3. Os lugares ou os setores em que devemos realizar a palavra de Deus**

A salvação do Senhor, e a transformação que deve fazer em nós sua santa palavra, não se reduz à consciência ou «às almas», como se dizia tradicional e normalmente. Ela abraça toda a criação que, no dizer de São Paulo, “entregue ao poder do nada – não por sua própria vontade, mas por vontade daquele que a submeteu – abriga a esperança, pois ela também será liberta da escravidão da corrupção, para participar da liberdade e da glória dos filhos de Deus». (Rm 8,20-21) João nos falará «de um novo céu e uma nova terra» (Ap 21, 1-5).

*O primeiro lugar onde devemos colocar em prática a palavra de Deus é em nós mesmos. Em nosso ser e em nosso agir. Procurar realizar a palavra de Deus nos outros, e não começar por nós próprios, seria alguma coisa contrária ao evangelho: «Por que você fica olhando o cisco no olho de seu irmão, e não presta atenção na trave que há no seu próprio olho?». (Lc 6, 41-43)*

Insistimos muito sobre esse aspecto na segunda parte; não é o caso de voltar a isso.

*Em segundo lugar, na comunidade.*

Com efeito, seria necessário fazer a releitura comunitária de tudo o que se escreveu. O cristianismo é sempre uma comunidade. Sua dimensão de caridade fraterna, sua dimensão de pregação, sua dimensão carismática e sua dimensão de universalidade produzem um duplo fenômeno:

*O cristão é ao mesmo tempo o fruto do Cristo e de um fato eclesial que, no seu sentido mais radical, é a comunhão dos discípulos e dos seguidores de Jesus.*

Vivendo em diáspora no mundo, ele vive em constante referência aos demais cristãos, formando comunidades que se reúnem periodicamente. Essa reunião faz-se em torno da Palavra e em torno da ceia do Senhor.

*As comunidades que ela forma (seja sob forma de Igrejas locais, seja sob outras formas de comunidades diferentes, entre as quais a Vida Religiosa, que é uma das formas mais densas e estáveis) devem ser, e de fato o são – na medida em que elas são realmente cristãs – abertas a uma comunhão superior.*

Portanto, a palavra de Deus deve ser vivida em comunidade e para a comunidade, e entre a comunidade e os membros deve existir uma espécie de dialética em torno da palavra. Da mesma forma, entre a palavra e a comunidade deve haver uma inter-relação natural.

- *Entre a comunidade e os membros:*

Os membros estão sempre interessados e co-responsáveis pela dimensão evangélica da comunidade, de maneira que esta seja reflexo coletivo da comunhão no Senhor Jesus e, por sua vez, a comunidade assume seriamente a responsabilidade de fazer crescer cada um dos membros na escuta e na realização da palavra de Deus. Estruturas evangélicas comunitárias com pobreza ou ausência de vida evangélica em comunidade, por parte de seus membros, seriam puro formalismo e poderiam tornar-se verdadeiro farisaísmo.



• *Entre a palavra de Deus e a comunidade*

A comunidade faz a palavra de Deus. Ela a faz no sentido de acolhê-la, aprofundá-la, partilhá-la, obedecer-lhe, encarná-la, pregá-la, proclamá-la.

Por outra parte, a palavra de Deus faz a comunidade. E isso de duas maneiras: porque na palavra do Senhor não há somente o motivo, mas também a força para entrar e perseverar na comunhão, apesar de tudo e contra tudo, e porque vivendo em comunidade, seguindo as palavras do Senhor, essa comunidade não é simplesmente uma comunidade, mas, antes de tudo e acima de tudo, uma *comunidade cristã*.

## ÍNDICE

A Palavra de Deus e os ritmos da vida	p. 1-4
Introdução	
–1–	
<b>A Palavra de Deus: ponto de partida e coração deste tema</b>	p. 5-14
1.1. O sentido da Palavra	p. 5
1.2. Os pré-conteúdos dessa... Palavra de Deus	p. 6
1.3. O meio divino...	p. 7
1.4. Sentido progressivo, intencional, efetivo e histórico	p. 8
1.5. As funções da Palavra de Deus em nós	p. 8
1.6. Nossa responsabilidade integral em face da Palavra de Deus	p. 11
1.7. Os meios para captar a Palavra de Deus	p. 12
–2–	
<b>Interiorizar a Palavra de Deus</b>	p. 15-35
2.1. Dados objetivos	p. 15
2.2. Visão sintética do processo integral	p. 16
2.3. Explicação particular da primeira parte: Interiorizar a Palavra de Deus	p. 20
2.3.1 Ponto de partida	p. 20
2.3.2 Atenção e escuta	p. 23
2.3.3 Acolher a palavra escutada	p. 24
2.3.4 Aprofundar o tesouro da palavra inscrita em nós	p. 26
2.3.5 Os primeiros frutos desse processo de interiorização	p. 31
<i>Conclusão</i>	p. 31
2.4. Onde escutar e encontrar a Palavra de Deus?	p. 31
2.4.1 Na própria Sagrada Escritura	p. 31
2.4.2 Nas tensões da vida vivida, como Maria	p. 32
2.4.3 Na amizade espiritual	p. 33
2.4.4 Na comunidade	p. 34
2.4.5 Na cruz, na doença, na velhice	p. 34
–3–	
<b>Realizar a Palavra de Deus: Processo de exteriorização</b>	p. 37-47
3.1. O que se entende por: Frutos da Palavra	p. 37
3.2. Os passos	p. 38
3.2.1 Viver em esperança graças à Palavra	p. 39

3.2.2 Viver a Palavra de Deus com paciência e ação	p. 40
3.2.3 Viver a Palavra de Deus num amor que dialoga	p. 41
3.2.4 Viver a Palavra de Deus num amor ativo	p. 42
3.2.5 Proclamar essa Palavra de Deus	p. 44
3.3. Os lugares onde devemos realizar a Palavra de Deus	p. 46

QUANDO O AMOR  
DE DEUS IRROMPE  
NA VIDA,  
ELE DESENCADEIA  
UM TIPO DE AMOR  
QUE FAZ PERDER  
A MEDIDA  
DO RAZOÁVEL.